



Mãos ao Vento

Sylvia Lia Grespan Neves

SUMÁRIO

| | |
|----------------------------------------------|-----|
| Agradecimentos | 4 |
| Introdução | 5 |
| Apresentação | 9 |
| Enfim, férias! | 11 |
| Memórias de infância: escola de surdos | 20 |
| Libras: que língua é essa? | 31 |
| Curso de Letras-Libras: isso existe? | 44 |
| Conversar nesse escuro? Nem pensar! | 54 |
| Como se escreve AMOR mesmo? | 65 |
| Conversa de surdos... | 69 |
| Fiz fono. E vocês, vão fazer libras? | 84 |
| Ouvinte e surdo: quando a palavra é conflito | 91 |
| Sou feliz sendo surda? | 101 |
| Interpretar: eis a questão! | 107 |

| | |
|-----------------------------------|-----|
| Como posso dizer que te adoro...? | 113 |
| Como eu ia saber? Eu sou surdo!!! | 116 |
| Hora de dizer “adeus”... | 125 |
| LIBRAS | 131 |
| Bibliografia | 135 |

Agradecimentos

À Valéria Barboza, agradeço pela sua ajuda na revisão do texto.

Ao João Paulo, agradeço imensamente por suas críticas e sugestões na elaboração deste livro, auxiliando também na revisão.

Não poderia deixar de agradecer ao André Xavier, esse amigo e professor, por sua imensa paciência e por me ensinar a dar vida às palavras escritas.

Aos meus amigos surdos, por nossa gostosa convivência ao longo dos anos. Com eles, compartilhei diversas experiências e vivenciei os vários aspectos da cultura surda que me impulsionaram a escrever este romance.

Aos amigos ouvintes, pelo companheirismo na incansável luta dos surdos para romper o silêncio.

À minha mãe, Joana Lina Grespan Neves,
por seus esforços que são verdadeiras lições para minha vida
e ao meu marido Mauricio Cesar Rodrigues, pela sua
compreensão e pelo seu amor.

Introdução

Há muito tempo sou leitora devota de romances. Nos romances que li durante toda a vida, sempre encontrei personagens bastante representativas: mulheres bonitas, loiras de lábios carnudos, morenas sensuais, dentre outros. Um fato era comum entre essas personagens: todas ouvintes¹. Então, sempre me questionava o motivo de não haver personagens surdas nas histórias. Durante a graduação em pedagogia, pesquisei a cultura surda e realizei o trabalho de conclusão de curso nesse tema. Sempre quis publicá-lo e, por isso, desde 2002, quando concluí o curso, me angustia ver esse trabalho guardado numa pasta no computador.

Daí, surgiu a idéia de escrever um romance com alguns aspectos da cultura surda, com personagens surdos, ouvintes e intérpretes de língua brasileira de sinais. Esse livro tem objetivo de mostrar o mundo dos surdos e

¹ Chamamos “ouvintes” as pessoas que podem ouvir. As pessoas que não ouvem denominamos “Surdas”.

também as relações e conflitos possíveis que se estabelecem entre surdos e ouvintes.

Os nomes dos personagens do romance são fictícios, mas a narrativa é baseada em fatos reais, e na voz dos personagens ressoa a de pessoas reais que inspiraram essa história. Como há pessoas sinalizando em libras e pessoas falando em português, decidi organizar os diálogos assim: a letra em *itálico* significa que as personagens estão sinalizando e a letra sem *itálico* significa que estão falando. Já para os casos em que a fala das personagens se manifesta pela escrita, utilizei o **negrito** para marcá-las

Esse livro pode ser aproveitado no curso de Libras para discutir cultura e identidade surdas. Os professores de Libras e Língua Portuguesa também podem trabalhar os tópicos com surdos adultos. É também um livro para familiares de surdos e interessados em geral. Enfim, é útil para os que desejam conhecer como é a vida e o sentimento de uma pessoa que vive mundo sem sons!

A maioria das citações dos capítulos foi retirada dessas obras:

— Vôo da Gaivota – de Emanuelle Laborit.

— Vendo Vozes: Uma Viagem pelo Mundo dos Surdos –
de Oliver Sacks.

Apresentação

"Mãos ao vento" é uma ótima porta de entrada para aqueles interessados em conhecer o mundo dos surdos e algumas das questões relacionadas a ele. Escrito pela surda Sylvia Lia, que desde de muito cedo se envolveu na luta pelos direitos de sua comunidade, esta obra dá ao leitor uma agradável oportunidade de ter um primeiro contato com aspectos da língua e da cultura dos surdos. Ao escolher o gênero romance, Sylvia Lia inovou: produziu uma narrativa ficcional em que há personagens surdas como protagonistas e tratou de questões complexas relacionadas à surdez de uma forma mais leve. Através das personagens surdas Marcos, Priscila, Cláudia e Thamires, o leitor poderá se familiarizar com algumas das experiências mais comumente vividas pelos surdos. Já através das personagens ouvintes Beto, Rose e Joel, o leitor poderá conhecer algumas das experiências e visões de ouvintes que se aproximam dos surdos, trabalham com e por eles e criam com estes laços de amizade. Por fim, através das personagens Paola, surda, e Raul, ouvinte, o leitor terá a oportunidade de vivenciar as diferenças entre

o mundo dos surdos e o mundo dos ouvintes, e, ao mesmo tempo, ver que, apesar das dificuldades, é possível que esses dois mundos convivam unidos por laços de compreensão mútua, respeito e amor.

André Nogueira Xavier

Professor de português e inglês para surdos e ex-aluno de libras da Sylvania Lia

ENFIM, FÉRIAS!

*"Quando eu aceito a língua de outra pessoa, eu aceito a pessoa.
Quando eu rejeito a língua, eu rejeito a pessoa porque a língua é
parte de nós mesmos.*

*"Quando eu aceito a língua de sinais, eu aceito o surdo. Nós não
devemos mudá-los, devemos ensiná-los, ajudá-los, mas temos que
permitir-lhes ser surdo." **Terje Basilier***

Raul resolve descansar depois de meses trabalhando muito. Estava mesmo exausto. Talvez precisasse de um lugar de paz no litoral, pois há tempos ansiava por verão, férias e tranquilidade. Uma casa no litoral seria perfeita. Decidido, telefona para a imobiliária solicitando uma casa próxima da praia, em uma região afastada do centro. Queria sentir a brisa do mar e andar descalço na areia. Queria paz. O rapaz da imobiliária informa que há apenas uma casa para alugar, já que estão em alta temporada. Hesita, mas decide aceitar a proposta de permanecer quinze dias. Satisfeito, arruma as malas e sai. Em seu carro, percorre as ruas de São Paulo, feliz por deixar para trás trânsito, caminhões, barulho. Segue rumo à estrada que leva a Caraguatatuba.

Caraguatatuba é a entrada que vai para o Litoral Norte Paulista, a apenas 182 km da capital. Com uma população de quase cem mil habitantes, é o maior município do Litoral Norte. Está localizado entre o Oceano Atlântico e a Serra do Mar. Nessa serra nascem os principais rios que deságuam nas praias e onde se situa o Parque Estadual da Serra do Mar. Depois de percorrer a estrada arborizada, passar pela Rodovia dos Tamoios e por alguns restaurantes típicos da região, entra na bela cidade de Caraguatatuba. Segue as placas que indicam a saída dessa cidade e segue para Ubatuba. Roda nove quilômetros e se depara com um pequeno mercado, com algumas lojinhas e, ali perto, com uma placa enorme:

Praia Capricórnio.

A Praia Capricórnio é famosa por ser uma praia limpa, de areia grossa, com tombo forte, em mar aberto. Com quatro quilômetros de extensão, encontra com a Massaguaçu, uma das mais longas orlas de Caraguá. A costa é própria para pesca de linha, e no fim, ao sul, existe a Lagoa Azul, foz do Rio Jetuba. A lagoa é separada somente pelo mar e por bancos de areia branca que contrastam com o céu.

Raul entra numa estrada longa de terra com belas casas de veraneio. Depois de algumas ruas, vê crianças pedalando bicicletas, senhoras andando de maiôs com chapéus longos. Procura o número da casa, e então localiza um belíssimo sobrado. É ali mesmo. Entra e vai revisando cada cômodo. Há uma sala grande e uma copa no térreo, banheiro, e uma bela varanda espaçosa com churrasqueira no jardim. No segundo andar há dois quartos, um deles é suíte. E que vista para o mar! O outro quarto dá para as montanhas, e dele se tem uma vista de toda floresta tropical. Raul decide onde vai dormir, deixa suas coisas e resolve dar uma volta para conhecer melhor a acolhedora cidade.

Enquanto caminha pela cidade descompromissadamente, vê casas pequenas e simpáticas, pessoas bem-humoradas, corpos dourados. Ao virar a primeira rua à esquerda, depara-se com uma bela e extensa praia, com areia branca e fofa, cheia de conchinhas espalhadas.

Na manhã seguinte, vai caminhar na praia, leva uma cadeira e o guarda-sol e também decide mergulhar. Aventura-se procurando conchinhas no mar com sua máscara de mergulho. No fim da tarde, anda até a Lagoa

Azul que fica aproximadamente a 200 metros da casa, num lugar tranqüilo.

Raul observa a praia deserta. De repente, vê a alguns metros uma mulher de aparentemente 25 anos, morena de sol, biquíni colorido, corpo esguio, pernas compridas, cabelos longos e encaracolados. Ela está lendo um livro, acompanhada apenas da sua cadelinha branca e pequena, de raça maltês. Contemplava as ondas do mar. As ondas batiam fortemente e a espuma do mar escorria pela areia. De repente, surpreende-se ao ver que mulher entra no mar revolto. Fica fascinado pela ousadia dela. Ela sabe como se envolver nas ondas e nada suavemente nelas. Parece uma sereia. O animalzinho fica deitado na areia com olhos atentos à mulher na água.

Ela sai da água, exibindo o corpo bronzeado, e Raul se surpreende quando ela acena para a cadelinha chamando-a para uma caminhada. O animal atende ao aceno, corre até ela e caminha junto com ela em direção à Lagoa Azul. Raul fica intrigado: por que ela não chamava o animal pelo nome? Nem um assobio, nada. Por que não gritou para chamar a cadelinha? Pensa nisso enquanto observa. Sente curiosidade de ouvir sua voz.

Fica vendo o vulto do corpo dela se afastar até desaparecer de seus olhos. “Ela deve ter ido mergulhar na Lagoa Azul”, pensa ele. O sol faz arder seu corpo, suando, e, por isso, desiste de esperar essa mulher misteriosa. Segue então para casa.

Passados alguns dias, Raul vai a um mercadinho próximo, um lugar simpático e pequeno. Na fila do caixa, encontra a mulher da praia. Ela olha para ele sorrindo. Ele hesita, mas resolve criar coragem para puxar papo.

— Oi, meu nome é Raul, prazer!

Ela aponta para o ouvido e balança a cabeça, negando. Raul compreende que ela é surda. Ele procura o que dizer, mas fica quieto, embaraçado. Por sorte, ela reage, pega papel e caneta na bolsa e escreve: **“Eu surda, mas faço leitura labial. Eu falar sim, acostuma com a minha voz. Sou Paola”**. Raul lê. Ela pergunta com a voz fininha:

— Seu nome?

Tenta pronunciar bem articulado para ela entender.

— Raul.

— Prazer, eu sou Paola!

Raul abre um sorriso, enquanto tenta entender com o som da voz dela, difícil. Ele vai puxando assunto:

— Você mora aqui?

Ela responde:

— Não, eu estou de férias, a casa é da minha tia.

Raul faz uma expressão de que não entende a última frase. E ela percebe e repete com ênfase:

— Minha tia.

— Ah, sei.

— Eu preciso ir para casa agora. Muito prazer, Raul! Até mais!

Raul acena, admirando o vestido curto que revela a silhueta do corpo que dança naquele vestido, com um andar suave. Ele lamenta por ela ser surda. Teve vontade de chamá-la. Para sua surpresa, vê quando Paola entra no carro e sai guiando e acenando para ele. Ele retribui e fica atento ao movimento do carro. Como ela dirige com perfeição! – Raul fica surpreso com a habilidade dela no volante.

Fica pensativo: como uma surda poderia dirigir se não ouve a buzina? Como ela viveria? Sozinha? Como ouviria a campainha, o telefone? Sem falar nos filhos: como ouviria um bebê chorando? Sente curiosidade a respeito da misteriosa mulher morena.

Corre para o carro e parte cantando pneus. Dirigindo pela vasta estrada de terra encontra o carro de Paola mais adiante. Segue-a por mais alguns quarteirões e vê quando ela estaciona em frente a uma casa azul e branca, com varanda grande. Ela salta do carro com as compras na mão. E daí então percebe que a casa onde está hospedado fica somente a uma quadra da casa dela.

Raul volta para casa, pega uma cerveja e senta-se em uma poltrona de vime na varanda, e fica apreciando a bela vista do mar e das ondas. Lembra-se da sua infância, mãe doméstica, pai zelador de prédio, vivendo num prédio grande e antigo onde o pai trabalhava. Brincava tanto com os meninos do prédio! Não tinha noção de que aqueles eram ricos e ele, Raul, pobre. Simplesmente, não se dava conta dessa diferença.

Por ser filho único, seus pais se empenharam em fazer sacrifícios para poder mantê-lo em uma das melhores

escolas. Mesmo com poucas condições, mandaram-no para fazer intercâmbio em Nova York, nos Estados Unidos. Depois de alguns de anos, forma-se advogado, especializando-se em Direito Civil. Atua como promotor no gabinete do governador de São Paulo. Em sua última defesa, teve que argumentar a favor de um homem que assassinou a própria esposa com 18 facadas, e se sentiu muito mal por estar a favor de um assassino. Resolve pedir licença para desfrutar aquelas férias e pensar num novo destino para sua vida.

Tomando os últimos goles de cerveja, lembra-se de Paola. Ele, Raul, já tinha visto dois surdos na vida. Um deles, quando tinha oito anos, jogando futebol com a vizinhança. Um amigo apresentou o primo dele que tinha passado férias com ele. Esse primo era surdo e queria jogar futebol com o grupo. Esse menino surdo jogava muito bem, mas ele nunca tinha tentado se comunicar com ele e nem saberia como. O segundo surdo que encontrou foi num dia que estava no bar tomando cerveja e comendo pizza com amigos, e esse surdo, já idoso, passou pela mesa e deixou uma cartilha com alfabeto manual com chaveiros e um

cartão. Dizia ser surdo-mudo e precisar de ajuda. O preço da cartilha era um real.

Duvidando se era mesmo surdo, seu amigo que estava ao lado, já havia bebido além da conta, resolveu chamar o surdo pelas costas, mas ele não se virou. O garçom que estava no canto da sala vendo tudo o que acontecia, veio até a mesa e informou que ele era surdo mesmo. Resolveram então desembolsar dez reais, mas não quiseram aceitar o chaveiro, a fim de aliviar a culpa pelo mal-entendido. Ele agradeceu com aceno da cabeça, e saiu sorrindo.

Agora, essa linda mulher surda. Como seria fazer amor com ela? Se ela estivesse de costas, como poderiam se comunicar? Suspira e resolve tomar um bom banho.

MEMÓRIAS DE INFANCIA: ESCOLA DE SURDOS

“Sem linguagem, não somos seres humanos completos e, por isso, é preciso aceitar a natureza e não ir contra ela. Obrigados a falar, algo que não lhes é natural, os surdos não são expostos suficientemente à linguagem e estão condenados ao isolamento e à incapacidade de formar sua identidade cultural” Oliver Sacks

Paola sai para a varanda e deita-se numa cadeira de praia. Traz nas suas mãos o laptop para ler seus e-mails. Não consegue ficar sem computador um só dia. Principalmente para conversar com seus amigos surdos. Já pensou ficar tanto tempo sem falar com eles? Paola vê entre seus documentos uma pasta nomeada *Memórias*. Há algum tempo, tinha pensado em contar sua história em um livro. Queria que as pessoas entendessem o que ela sentia e as experiências que vivia. Muitos ouvintes simplesmente ignoram como é a vida de uma pessoa surda. Paola revisa sua caixa de entrada rapidamente e sente vontade de rever suas *Memórias*. Talvez hoje estivesse inspirada para acrescentar alguns capítulos.

Nasci no interior de São Paulo, em Campinas. Faço parte de uma família de classe média: minha mãe é dona de casa e meu pai é vendedor. Tenho uma irmã mais velha, Clara, que é ouvinte. A diferença de idade entre nós é só de dois anos.

Quando eu tinha um ano e nove meses, minha mãe já tinha percebido que eu não ouvia, mas o médico insistia em dizer que não era nada, alegando ser muito cedo para diagnosticar qualquer anormalidade. Insatisfeita, ela decidiu me levar a outro médico. Ele me diagnosticou prontamente: surdez profunda.

Inicialmente, minha mãe e eu mantínhamos uma comunicação baseada em gestos. Depois eu fui aprendendo a pronunciar algumas palavras e ela me entendia bem. O problema é que eu não conhecia a maioria das palavras, não sabia o significado delas. Sinto que não tivemos um relacionamento de verdade como mãe e filha. Apenas ela cuidava de mim, me alimentava e só.

Paola para de ler. Está chocada com o que ela mesma escreveu. Está perplexa com sua própria história. Como

pôde viver com sua família dessa forma? Parecia hóspede em sua própria casa... Não participara das conversas, não ouvira conselhos de sua mãe quando mais precisou... Sente lágrimas correrem. Passa a mão no rosto, tentando disfarçar para si mesma. Retoma a leitura:

Lembro dos vários episódios marcantes da minha vida. Não esqueço nunca do corredor branco e frio do hospital em que vivia brincando enquanto aguardava o médico me chamar. Depois de um tempo já conhecia bem a rotina: sentar num banquinho giratório de ferro e mostrar o ouvido. Eu achava muito curioso o meu ouvido ser prioridade e não meu corpo. Não entendia a obsessão da minha mãe em me levar só a médicos que cuidam de ouvidos.

Naquele hospital fui conhecendo as coisas aos poucos. Mas não cheguei a gostar de nada lá. Eu detestava mesmo a mulher de jaleco branco que enfiava um instrumento mole e frio no meu ouvido. Sorridente, ela puxava meu ouvido, falava comigo, mas eu não entendia nada. A única coisa que eu queria era me livrar daquilo. Doía demais. Será que ninguém entendia que eu queria tirar aquela mão do meu ouvido?

Mas, o que mais me indignava era a convivência dos meus pais: eles ali, sorridentes, enquanto a mulher de jaleco me machucava.

Até que um dia, fomos a outro *hospital*: era um lugar cheio de flores, de pessoas sorridentes com roupas brancas. Fui achando diferente e percebendo que ali não havia instrumentos médicos. Fizeram-me deitar na maca, e alguém foi passando as mãos sobre o meu corpo sem encostar. Eu observava tudo: sabia que aquele homem não era médico. Era diferente dos outros. Ele fechou os olhos e começou a mexer a boca sem parar. Pediram para fechar os olhos e eu, mesmo com medo, deitada, obedeci. Mas não me sentia segura. Passados alguns minutos, tocaram no meu braço e disseram para eu me levantar. Ele explicou para minha mamãe o procedimento necessário: eu teria que deitar na minha cama à noite, na minha casa e com um lençol branco, com vela branca ali perto e copo de água na mesa. Depois, era só esperar os espíritos irem à minha casa para operar meu ouvido e, então, eu poderia ouvir. Nunca entendi direito aquilo tudo.

Muito pequenininha, eu fui estudar numa escola no jardim de infância. Como era gostoso ficar lá! Apesar de todos serem ouvintes, eu não me sentia diferente dos meus colegas nem dos professores em relação a mim: discriminação foi algo que fui aprender depois, fora dali. Na escolinha, eu só queria brincar, pois me sentia igual aos outros. Estava tudo bem para mim. Passou algum tempo assim, até que meus pais me chamaram: fizeram o sinal de carro. Eu sabia que esse sinal significava passear ou viajar. E fiquei empolgadíssima, pensando que aquilo seria bem divertido. Até que chegou o grande dia: pouco depois, estávamos em São Paulo, cidade de prédios. Eu observava tudo, admirada: os edifícios e aquela avenida enorme com um rio fedido. Era a Marginal. Chegamos numa casa simpática, e eu fiquei ali observando tudo.

Logo em seguida, veio um caminhão com móveis que eu conhecia. Eram os móveis da nossa casa. Por que trouxeram aquilo tudo aqui? Não entendia. Simplesmente estava empolgada com a confusão, e mamãe não me dava bola, tão zelosa estava com os móveis. Eu, ansiosa com a bagunça, entrava em cada cômodo para ver.

Depois fiquei sabendo que os meus pais tinham comprado aquela casa e que íamos morar ali.

No dia seguinte, mamãe me levou em uma casa grande, assustadora, com um jardim enorme na frente. Subimos uma escada. Uma senhora com vestido comprido muito esquisito e véu na cabeça nos atendeu. Olhei em volta na sala fria e vi uma estátua de uma moça com véu e vestido longo segurando um bebê nos braços. Um arrepio tomou meu corpo. Percorremos num corredor frio, piso vermelho. Não queria largar a mão da minha mãe, segurava-a com força.

Chegamos a um pátio enorme. Ali estavam muitas crianças uniformizadas. Quase setenta, acho. Fiquei pasmada com o que estava vendo: aquelas crianças usavam as mãos para sem comunicar. Eu fiquei ali observando, mas não entendia. Elas não usavam gestos como eu. As mãos delas eram mais rápidas, os movimentos eram combinados, precisos. A sensação que tive é difícil explicar, mas eu sentia algo como: Eu não sou a única pessoa diferente no mundo! A princípio, fiquei muito assustada. Não queria estar no meio delas, segurava a perna da minha mãe.

Não sabia o que falar, só olhava as mãos delas se movimentando rapidamente, as expressões faciais delas, as bocas delas se mexendo. Uma senhora de véu na cabeça veio falar comigo. Ela mexia a boca bem devagar para mim e eu não entendia nada. Só queria olhar para as crianças. De repente, as crianças viram a senhora de véu e pararam de gesticular. Sem o movimentar de mãos, agora somente movimentavam as bocas. Eu observando tudo aquilo, não entendia muito bem o que acontecia.

Mamãe me empurrava, a mão dela apontava as crianças e ela olhava pra mim, dizendo: Vai lá! Eu agarrada nas pernas dela, olhando para as crianças. Não entendia esse mundo, pois estudei em uma escola diferente no jardim de infância, as crianças não movimentavam exageradamente as mãos como essas. No jardim de infância, todos usavam a boca. Eu era a única que gesticulava para me comunicar com elas. Agora estas crianças usavam as mãos de uma forma que eu nunca vi. Respirei aliviada quando minha mãe resolveu ir embora. Engano meu. Saindo dali, vi mamãe comprar um uniforme daquela casa monstruosa.

Isso significava que eu ia fazer parte daquele lugar junto com aquelas crianças de mãos rápidas. Um pavor tomou conta de mim! Fiquei desanimada de imediato, mas depois fui ficando curiosa.

Queria saber como seria estudar lá. Fui embora em silêncio. Só pensava naquelas crianças.

Passados alguns dias, mamãe me levantou cedinho. Vendo o uniforme, tomei consciência que eu ia para aquela escola de mãos e mulheres de véu. Ela me fez vestir o uniforme. Fiquei ali, com coração palpitando, ansiosa, sem saber o que fazer quando mamãe me deixasse na escola. Mamãe preparava a lancheira: tinha tanta coisa gostosa! Olhou para mim com a boca mexendo: *comer!* Por sorte, a moça de véu, Irmã Bianca, ouvinte, me levou de mãos dadas até uma sala com oito surdos. Fizeram com que eu sentasse em um banco de madeira duro. Sentei e me ajeitei. Olhei-os, fiquei quieta. A Irmã mostrou naquela aula uma árvore genealógica e cada um dos alunos trouxe fotos de suas famílias. Estava abismada, pois pela primeira vez eu estava entendendo tudo o que acontecia em volta de mim. Abri um largo sorriso. Meus olhos acompanhavam tudo atentamente, feliz!

A Irmã não usava língua de sinais, mas fazia movimentos labiais devagar, e apontava, gesticulando. Mas, a mágica começou mesmo na hora do recreio. As crianças usavam língua de sinais longe das Irmãs. Eu admirava os movimentos de mãos e queria aprender. Aprendi essa língua rapidamente e me sentia bem dentro daquele casarão. Estava feliz de verdade. Às vezes, a Irmã vinha nos repreender por usar língua de sinais. Nós vivíamos fugindo dela, rindo dela.

Lembro que passávamos quase a manhã inteira treinando os movimentos da boca para produzir os sons da língua portuguesa e usávamos um tampão no ouvido. A freira usava um microfone, tampava a boca e falava. Nós tínhamos que entender o que ela dizia. Eu não entendia nada, então eu inventava as palavras, mas nunca acertava. Era uma tarefa entediante!

Tínhamos disciplinas para aprender a escrever e ler. Mas não ficou lembrança nenhuma dessas aulas. Só me lembro das horas árduas treinando a fala. À tarde, aprendíamos a bordar, a pintar, aprendíamos artes em geral. Eu adorava tudo isso! As freiras surdas nos ensinavam.

Nós nos entendíamos muito bem, pois elas usavam mais gestos, mais expressões faciais, elas se conversavam, e eu admirava por poder participar das conversas com elas. Já com as freiras ouvintes não conseguia me comunicar.

Um dia, eu pedi à Irmã Bianca para ir ao banheiro durante a aula usando o sinal que aprendi no recreio. A Irmã me proibiu de ir, foi até à lousa, escreveu “banheiro” e me obrigou a pronunciar essa palavra. Eu suei tanto para falar essa palavra, e fiquei pensando por que os ouvintes foram criar uma palavra com NH? Quando consegui pronunciar direitinho banheiro, inclusive o NH, aí ela me obrigou a completar a frase: “Por favor, posso ir ao banheiro?”. Fiquei muito irritada com a Irmã. Estava apertadíssima. Falei tudo direitinho e ela me liberou. Saí voando.

Alguns colegas surdos não conseguiam pronunciar essa palavra ou a frase inteira. Eles repetiam tantas vezes inutilmente, até que, não agüentando mais, faziam xixi na sala e a freira os mandava voltar para cadeira. Nós ríamos deles. Hoje me arrependo muito de ter rido! Eu deveria ter enfrentado a Irmã, jogado na cara dela o quanto era covarde por não ter paciência com eles.

Tinham muitas palavras que a Irmã nos ensinava, eu pronunciava mesmo sem entender o seu significado, só com tempo eu percebia o significado. Tinha medo de perguntar para Irmã e acabar ficando de castigo.

Sim, tinha castigos horríveis. O meu castigo mais freqüente era ser beliscada no braço. Doía muito. Havia vários castigos aplicados na sala de aula, castigos que traumatizaram a muitos e dos quais simplesmente prefiro esquecer.

Há um trecho do livro **O vôo da gaivota, da Emmanuelle Laborrit que me desperta**: “Para aprender a falar, um surdo precisa de horas diárias de trabalho árduo, enquanto o conhecimento dos sinais ocorre de forma espontânea, quase imediata. Os surdos pré-linguais, ou seja, que nunca ouviram ou perderam a audição muito cedo, não invejam os ouvintes e não se consideram deficientes”.

Paola suspira, e resolve parar de remexer no passado. O sol fazia seu corpo arder e o mar convidava a refrescar. Fecha o laptop e segue com cadeira e guarda sol ao encontro do mar

LIBRAS: QUE LINGUA É ESSA?

“Os surdos não se consideram deficientes, e sim uma minoria lingüística e cultural, que tem a necessidade, na verdade o direito, de estar juntos, de ir para a escola juntos, de aprender uma língua que lhes é acessível e de viver na companhia e comunidade de outros como eles”. Oliver Sacks

No fim de semana, Rose e Beto vão visitar Raul e resolvem fazer um churrasco. Beto é amigo de Raul desde época da faculdade. Formaram-se juntos em Direito, mas Beto, que também é advogado, se especializou em Crime Internacional. Casou-se com a Rose logo depois de se formar. Rose é professora do ensino fundamental, simpática, gordinha e sorridente. Eles vivem uma vida tranqüila juntos. Rose é uma pessoa simples e fácil de lidar.

Naquele fim de tarde ensolarado, Raul e Beto resolvem assistir ao jogo de futebol pela televisão, enquanto Rose fica sentada na varanda lendo o jornal. De repente, Raul toma um susto. A cadelinha maltês que tinha visto na praia entra na sua sala! Intrigado, se levanta para procurar Paola. Na varanda, vê Paola “conversando” com a Rose.

Elas usam as mãos para se comunicar. Curioso, se aproxima das duas, cumprimenta Paola e a apresenta para Beto. Beto fica estupefato com a beleza de Paola.

— Eu aprendi um pouco de LIBRAS, num curso básico que a escola oferecia – Rose declara.

— O que é LIBRAS? Raul e Beto perguntam ao mesmo tempo.

— É a língua de sinais brasileira. Desde 2002 Libras é a língua oficial da comunidade surda brasileira. . É uma língua completa, não é mímica nem gestos.

— Oba! Raul diz - Vamos aprender a língua de sinais! Assim podemos viajar pelo mundo todo e nos comunicar em qualquer lugar pela língua de sinais! Já pensou?

Rose ri e explica:

— A língua de sinais não é universal. Cada país tem sua própria língua, assim como as línguas orais. Se você for conversar em libras com um surdo de outro país, dificilmente ele vai te entender.

— Nossa! Cada país tem uma língua de sinais diferente? Não seria mais fácil ter uma língua de sinais padrão? - Raul questiona.

— A gente fala uma mesma língua no mundo todo? – Rose provoca. – É claro que não! Cada país tem sua própria língua. Assim como o português, o inglês, enfim, todas as línguas orais, não são universais, as línguas de sinais também não são. Aqui no Brasil, a língua de sinais recebe o nome de LIBRAS, abreviação que significa língua brasileira de sinais brasileira. Já nos Estados Unidos, a língua de sinais é designada pela sigla ASL que significa *American Sign Language*, ou seja, língua de sinais americana. E cada país tem uma denominação para sua própria língua de língua de sinais.

— *Estou explicando para eles sobre Libras não é uma língua universal.* - Rose sinaliza para Paola.

— *É verdade! E a libras tem muita variação também.*

— *É verdade, vou explicar para eles.*

— *Enquanto você explica, Rose, eu vou ao banheiro. Posso ir?*

Paola vai ao banheiro acompanhada de sua cadela, Neve.

Rose continua:

— É interessante ver como os sinais variam, sabe? Principalmente num país de dimensões continentais como

o Brasil. Por exemplo, assim como as palavras da língua portuguesa variam de estado para estado, a libras também varia de região para região. Nos cursos de libras se fala muito em sinais regionais. Mas, é claro que não existem só variações regionais. Os sinais variam muito dependendo do grupo social, da idade da pessoa surda... Vocês acreditam que outro dia encontrei um grupo de rapazes surdos sinalizando e eu não entendia quase nada do que eles diziam? Outra vez, conversei com o surdo já bem idoso. Nossa! Não conhecia vários sinais que ele fazia. Ele me explicou que os sinais mudam ao passar do tempo... disse que muitos sinais da sua época, hoje são diferentes.

— Nossa! Não sabia! Dá um exemplo pra gente, Rose.

— O sinal BRANCO em São Paulo e no Rio de Janeiro são completamente diferentes. A maior parte dos sinais na libras é padrão em todos os estados, mas há alguns sinais que são usados em algumas regiões e não em outras. Mesmo assim, os surdos conversam muito sobre a própria língua e os sinais regionais passam a ser conhecidos pela maioria dos surdos em pouco tempo.

— Você sabe bem a linguagem dos sinais?

— Não, eu aprendi só o básico. Preciso continuar

estudando para adquirir fluência! Linguagem não é correto, da mesma forma que não se fala de linguagem inglesa, linguagem francesa, etc, quando se quer falar do inglês ou do francês, por exemplo. Sendo as línguas de sinais línguas naturais, como as línguas orais, o correto, então, é dizer língua de sinais, pois como falei libras é reconhecida como língua natural dos surdos, e, como qualquer outra língua, dotada de sua própria estrutura e gramática.

— Qual é seu sinal? – Rose pergunta para Paola, que vem chegando.

— *O meu sinal é esse. (dedo polegar com movimento circular descendo desde o alto da cabeça até o ombro). É por causa do meu cabelo.*

— *O meu é esse. (mãos fechadas apertando bochecha)* *Minhas bochechas chamam atenção.* Rose diz, rindo.

— *Eles não têm sinais?*

— *Não. Você precisa 'batizá-los', Paola.*

Raul não se contém e pergunta para Rose:

— O que estão falando a nosso respeito?

—No mundo dos ouvintes, cada pessoa tem seu nome. Então, no mundo dos surdos, cada um tem seu sinal próprio, que identifica as pessoas. São como sinais de batismo para os surdos. ‘Batismo’ porque a pessoa passa a ser conhecida na comunidade por aquele sinal. É como se selasse o seu nascimento mesmo. Às vezes, os surdos nem sabem o nome do outro, mas os sinais dificilmente são esquecidos. Geralmente representam uma característica física ou um traço da personalidade.

—*Até a Neve tem sinal, e ele é assim (dedo polegar direito tocando o olho direito e fazendo meio círculo).*

—*Por que esse sinal?*

—*Porque o olho direito produz mais remela do que o esquerdo, foi assim que surgiu o sinal.*

—*O Beto tem cabelo encarolado. Então, o sinal vai ser este (dedo polegar flexionando tocando na cabeça e fazendo movimento giratório Como o Raul tem maxilar marcadamente quadrado, então vou dar este sinal (mãos fechadas segurando o maxilar).*

Rose faz os sinais com os quais Raul e Beto foram batizados.

— *Gostaram dos seus sinais?* Paola pergunta.

— Gostamos sim – respondem juntos.

— *Eles estão estranhando os sinais dados, mas depois se acostumam com a idéia de ter um sinal.*

Nesse momento, Paola chama a cadelinha Neve com o mesmo aceno que Raul vira na praia. Paola pede para Neve sentar, e ela começa lambe a perna dela.

— *Ela quer ir embora! Quando ela lambe a minha perna, é porque quer ir embora! Às vezes, lambe porque quer colo!*

— Gente, a Paola está me dizendo que essa cachorra, a Neve, lambe a perna dela quando quer ir embora.

— *Tchau. Foi um prazer conhecê-los. Eu fiquei contente por você saber libras, Rose. Continue estudando, não desanime. Você vai ficar muito boa sim.*

Paola sai acompanhada pela Neve. Seguem em direção à praia.

Rose olha para Raul maliciosamente:

— Você precisa aprender a libras para se comunicar com a Paola.

— Não sei nada. É muito difícil, Rose!

— Que nada! No começo é difícil porque é muito diferente do português. A libras é uma língua gestual-visual, e tem características muito diferentes do português, como por exemplo as expressões faciais e corporais. Esses aspectos são específicos das línguas de sinais, não estão tão presentes nas línguas orais-auditivas.

— É difícil? Como é que tem que fazer? A gente aprende sinal por sinal e depois vai usando eles na mesma ordem que a gente fala o português?

— Imagina!!! Lógico que não é assim. A libras tem uma estrutura gramatical específica, bem diferente da estrutura da língua portuguesa.

Beto interrompe a conversa:

— Que complicado! Alguém quer tomar uma cerveja?

Mas, Raul está interessado em saber mais sobre a libras. Insiste no assunto:

— Rose, me diz uma coisa: quantos sinais a libras possui?

— Raul, que pergunta! Quantas palavras a língua portuguesa possui? Milhões! Ora, a Libras tem sinais para falar sobre tudo: os surdos podem falar sobre idéias

abstratas ou concretas, filosofia ou literatura, esportes ou humor, sobre tudo que você possa imaginar. Como outras línguas, o vocabulário da libras aumenta continuamente à medida que a comunidade surda vai sentindo necessidades de inserir novos termos na língua.

Rose abre sua bolsa e tira um livro.

— Estou lendo um livro magnífico, Raul, Se chama *O vôo da gaivota*, da Emmanuelle Laborrit. É fantástica essa citação sobre as línguas de sinais. Ouça: "*Os sinais podem ser agressivos, diplomáticos, poéticos, filosóficos, matemáticos: tudo pode ser expresso por meio de sinais, sem perda nenhuma de conteúdo.*"

— Você me disse que conhece o básico, mas pelo jeito, conhece muito bem a libras, Rose.

— Na verdade, Beto, para aprender a libras é preciso anos de dedicação. Mas, é claro que também depende do grau de exposição que a pessoa tem à língua. Se uma pessoa convive com surdos todos os dias e tem interesse de aprender a língua de sinais, ela pode se tornar fluente rapidamente. O contato com a língua é fundamental para adquirir a fluência. Além disso, há muitas questões culturais dos surdos. Essas coisas só se aprendem se a pessoa convive com surdos mesmo. Por exemplo, questões

sobre cultura e identidade surdas, tecnologias assistivas, as tecnologias de comunicação e informação para surdos, políticas sobre surdez. Sabe, esses temas são muito discutidos entre a comunidade surda. Só estando no meio deles, participando ativamente, que a gente começa a entender essas coisas.

Nunca tinha visto uma pessoa surda, Beto questiona:

— Ela é surda-muda? Ela fala com uma voz tão esquisita!

— Os surdos estão fazendo uma campanha para que seja banida a expressão surdo-mudo. Muitos surdos conseguem articular a fala, portanto não são mudos. Até as pessoas ouvintes que têm problemas de voz podem se tornar mudas. Uma coisa não está necessariamente ligada à outra. Eles são apenas surdos. Há pessoas surdas que conseguem falar tão bem como nós, e outros falam mais ou menos, e outros quase nada. Depende de cada surdo! Há alguns surdos que conseguem fazer leitura labial muito bem, e outros mais ou menos e outros nada. Além disso, eu acho que não se deve usar o termo mudo porque os surdos têm sua própria língua, a língua de sinais, por meio da qual eles falam.

— E ‘deficiente auditivo’? Esse termo não é melhor do

que ‘surdo’? – Beto diz, duvidando.

— Na verdade, “deficiência auditiva” é um termo clínico. ‘Surdo’ é um termo sócio-cultural usado por aqueles que entendem a surdez como uma diferença. A comunidade surda prefere esse termo. Surdos que nascem surdos, são Surdos. Porém, aqueles que perdem a audição aos poucos, ou ficam surdos por doenças ou pela idade são deficientes auditivos. – Rose continua.

— Não se preocupe tanto, Raul! Você vai aprender bem. Vou me deitar um pouco até a novela começar. Me chame daqui a pouco, sim?”

Raul fica pensativo. Nunca tinha imaginado que os surdos vivessem assim, que tivessem uma língua. Sempre achou que os surdos se comunicassem através de mímica, de gestos. Sempre considerei libras “uma coisa de gestos dos surdos”. Pelo visto e pela explicação da Rose, vou ter que aprender muito sobre libras.

Nesse momento, Beto entra na sala e convida Raul para jogar futebol na praia. Raul gosta da idéia. Chegando lá, Beto faz aceno para Raul e com os olhos indica à direita. Lá está Paola, sentada na areia observando o mar com a cadelinha Neve. Beto chuta a bola, Neve se vira na direção

da bola e Paola percebeu a presença deles. Raul acena convidando a acompanhá-los no jogo, mas ela recusa balançando a cabeça. Não sabia como falar com ela. Teve vontade de sair correndo para chamar a Rose. Ela vira o rosto e fica olhando o mar.

Raul continua jogando a bola com Beto. Quer chutar a bola na direção de Paola como por engano para chamar a atenção dela. Mas ela está com o olhar tão distante... Depois de alguns minutos, ela se levanta e passa ao lado de Raul, se despede com um leve aceno e se vai. Beto percebe os olhares e exclama:

— Raul, você está louco por ela, cara! Precisa aprender a disfarçar, viu!

— Essa menina me fascina, Beto. Queria saber como ela vive, como ela é, mas a comunicação entre nós está muito difícil.

— Então aprende libras com a Rose!

— Boa idéia, Beto! Vou falar com a Rose sobre isso.

— Vamos mergulhar!

CURSO DE LETRAS-LIBRAS: ISSO EXISTE?

*"Recuso-me a ser considerada excepcional, deficiente. Não sou. Sou surda. Para mim, a língua de sinais corresponde à minha voz, meus olhos são meus ouvidos. Sinceramente nada me falta. É a sociedade que me torna excepcional..." **Emmanuelle Laborrit***

Nesse domingo, o sol amanhece já bem quente. Rose, Beto e Raul tomam café na mesa da varanda. De repente, Rose tem uma idéia.

— Vamos convidar Paola para ir conosco para a praia Lagoinha, em Ubatuba? A minha libras está enferrujada! Preciso praticar!

Raul sente um frio na barriga. A idéia de estar o dia inteiro junto com a Paola causa uma sensação que ele não entende bem. Acaba aceitando, afinal ter a companhia de Paola seria magnífico, ainda mais com a ajuda de Rose. Prontifica-se imediatamente a ir casa dela para convidá-la para o passeio.

Chega na casa dela. Raul vê que as janelas e a porta estão abertas, mas fica em dúvida como deve chamá-la, se grita ou bate palmas ou toca a campainha. Procura a campainha

e aperta. A Neve vêm até ele e passa a cheirá-lo. Logo em seguida, Paola aparece e o cumprimenta.

— *Oi, tudo bem?*

— Sim, por favor, pegue papel e caneta.

Ela sorri. Entra em casa, volta com o papel e a caneta. Raul se sente nervoso, começa a suar. Pensa que poderia falar em vez de escrever, mas já é tarde! O papel e caneta já estão na mão dele.

— **“Nós pensamos em ir à Lagoinha, Ubatuba. Você quer ir conosco?”**

Ela lê e escreve:

— **Hoje?**

Raul confirma. Ela olha para a Neve e para ele e escreve: **“Ok! Vou dar água e comida para a cachorra e em 10 minutos vou para sua casa”**.

Raul concorda, mostra as mãos abertas com dez dedos esticados. Mexe a boca lentamente e diz: *dez minutos*. Ela sorri, concordando. Raul sai da casa aliviado e feliz.

Raul chega em casa. Rose está arrumando o lanche que vão levar para praia.

— Ela vai?

— Vai sim, Rose. Em dez minutos estará pronta.

— Que bom! Assim fico treinando libras. Além disso, é bom ter uma companhia feminina.

Beto assobia, abraça a Rose e beija a nuca dela:

— É bom para você ou para Raul ter?

Rose vira-se para Raul:

— Raul, você está interessado na Paola?

— Eu? Não, é apenas amizade.

— Sei que você é mulherengo, mas não brinque com os sentimentos dela! – aconselha.

Raul desvia o olhar. Vai para fora para arrumar as coisas em seu carro. Coloca as cadeiras de praia, guarda sol e toalhas no porta-malas. Ao levantar, depara-se com a Paola com uma bolsa grande trajando uma saída de banho azul.

Atrapalhado, pensa no que fazer. Uma idéia o tira do sufoco: chama Paola para ver a casa. Na sala, ela cumprimenta Rose e Beto.

Rose toma a iniciativa:

— Vocês homens sentam no banco de frente, e nos mulheres atrás. *Certo, Paola?*

Paola sorri, abre a bolsa e pega os óculos escuros. Coloca-os e ajeita o chapéu de palha. Entram no carro. Raul olha para Paola através do espelho retrovisor e vê a conversa animada com a Rose. Fica atento à conversa delas. Percebe que Paola se expressa muito com as mãos e também com a boca. Beto interrompe:

— Preste atenção na estrada, rapaz!

Chegam à praia. Está repleta de pessoas. Por toda parte, há crianças brincando. Raul procura um lugar vazio para ficarem, longe da multidão. Vê um lugar perto do fim da praia, um bom espaço com pouquíssimas pessoas. Os quatro vão andando até o local escolhido e carregando as coisas.

Mal terminam de colocar o guarda-sol, Paola já quer mergulhar. Rose sugere que passe bronzeador antes. Raul acompanha Paola.

Vão andando juntos rumo ao mar. Raul pensa no que falar, mas fogem-lhe todos os assuntos. Por sorte, ela começa a falar, com som forçado:

— Você sabe nadar?

— Sim, e você?

— Mais ou menos! Você vai ficar aqui por quanto tempo?

Raul mostra os dez dedos e mais cinco dedos.

— Quinze dias. E você?

— Um mês.

Ele abre um sorriso e fica pensando se conseguiria ficar mais tempo na cidade. Ela mergulha. Acompanha Paola no mergulho. Logo apareceram Beto e Rose.

Algumas horas depois, já sentados junto sob o guarda-sol, Paola está deitada de bruços sobre a toalha, tomando sol. Raul resolve convidá-la para tomar um refresco e chama seu nome.

Rose que está ao lado de Raul, repreende-o:

— Está chamando Paola? Esqueceu que ela é surda e que está tomando sol deitada de bruços?

— É verdade! Preciso me lembrar disso! Como vou chamá-la então?

— Ora, é simples! Beto e Raul, prestem atenção, vou explicar para vocês. Há diferentes maneiras de chamar

atenção de uma pessoa surda: balançando o braço, tocando no ombro da pessoa, batendo o pé no chão (quando é de madeira e permite a vibração do piso), chamar em tom um pouco mais forte (quando a pessoa usa aparelho ou tem resíduo de audição). Cada forma de atrair a atenção deve ser usada de forma apropriada. Se não for, pode ser ofensivo para os surdos. Nunca se deve tocar na cabeça, isso é ofensivo! Basta tocar levemente no braço ou no ombro ou, caso o surdo esteja escrevendo ou lendo, basta encostar a mão no braço ou no ombro e esperar até que ele estabeleça o contato visual. Entendeu?

Raul coloca a mão no ombro da Paola. Ela prontamente olha para ele. Raul oferece um fresco. Ela se levanta, aceitando. Rose resolveu contar o episódio desastroso para Paola. Raul pensa que Paola ficará ofendida, mas ela ri, olha para Raul e para Rose, sempre sinalizando e olhando para ele.

— Raul, Paola está me pedindo para eu interpretar para ela. Ela disse que você vai aprender aos poucos, à medida que for convivendo com surdos.

— Ah, está bem!

Beto fala disfarçando para Paola não perceber:

— Pede para Paola dar aula particular para você!

— Fique quieto! Estou confuso! Raul diz, envergonhado.

Querendo interromper a conversa com o Beto, curioso para saber sobre o que Paola e a Rose estão conversando. Tenta prestar atenção, mas é inútil! Pede a Rose que traduza a conversa.

— Raul, a Paola trabalha como professora de libras. Dá aula para alunos ouvintes em uma faculdade em São Paulo.

— Nossa! Por que a faculdade oferece o curso de libras?

— A disciplina de Libras é obrigatória nos cursos de Pedagogia, Fonoaudióloga e nas Licenciaturas. Isso promove a Libras e pode ajudar a garantir atenção às pessoas surdas. Também é uma forma de acessibilidade para os surdos.

- Legal! Puxa, não sabia!

— *Desculpe. Eu estava explicando para o Raul a obrigatoriedade da Libras na grade dos cursos de graduação.*

— *Ok, não tem problema. Pode explicar.*

— *Você é formada em quê?*- Rose se interessa.

— Vou me formar nesse no curso de Letras-Libras.

— Letras-Libras, isso existe? Beto pergunta, atordoado.

Rose, com paciência, explica:

— Sim, existe, começou como curso à distância no ano 2000, na UFSC. Paola estuda no pólo USP. Há aproximadamente 500 alunos no Brasil. O curso tem o objetivo de formar professores de libras, principalmente professores surdos!

— Nossa! Não pode ter professor ouvinte?

— Sim, é possível. Alguns estados não possuem surdos formados no ensino médio e, por isso, aceitam professores ouvintes.

Paola interrompe a conversa e explica para Rose.

Raul e Beto aguardam impacientes, tomando cervejas.

— Paola está me explicando que muitos surdos não têm oportunidade de ter formação acadêmica. Os surdos querem ter seu espaço para lecionar em curso de libras, habilitando os ouvintes para serem intérpretes. Mas, muitos ouvintes, que já trabalham como intérpretes ainda

querem atuar como professores de libras. Agindo assim, eles estão tomando um espaço que, por direito, é dos surdos!

— Tem muitos ouvintes dando aula?

— Sim, há vários ouvintes, mesmo não-fluentes na língua. As faculdades não querem contratar surdos porque acham que precisam contratar intérprete para acompanhá-los ou que os surdos são incapazes de dar aula. Na verdade, para dar aula de libras é desnecessário ter interprete e muito menos usar a fala. Se você fosse pagar para ter aula de inglês, você vai querer professor americano ou professor brasileiro?

— É obvio que queria um professor americano!

— Então, muitos surdos têm conhecimento profundo da língua, dos aspectos gramaticais, da cultura, tudo isso, mas perdem o lugar para ouvintes apenas porque não ouvem. Isso também não é uma forma de discriminação, ignorar a formação do surdo e a sua capacidade?

Rose se levanta.

— Ah! Mas o dia está lindo e não vou passar dia todo explicando para vocês. Não quero deixar a Paola sozinha!

Vão comprar algo para a gente comer. Vou tomar sol e papear com a Paola!

Raul levanta, chama o Beto. Vão buscar alguma coisa para beliscar. Pergunta a Beto se Rose já lhe havia contado sobre os surdos antes. Beto balança a cabeça negativamente.

Passam o dia todo tomando sol, comendo porções. Raul quer conhecer mais Paola e se aventura em convidá-la para irem a um restaurante à noite sem a presença de Rose e Beto. Ela fica pensativa e demora a responder.

— Algum problema, Paola?

— Só eu e você?

— Sim, ou você quer chamar a Rose e o Beto?

— Não precisa, não!

Balança cabeça afirmativa sorrindo. Aponta o dedo no pulso e olha para ela.

— *Oito horas?*

— *Sim, você me pega às oito!*

CONVERSAR NESSE ESCURO? NEM PENSAR!

"A gaivota cresceu e voa com suas próprias asas. Olho do mesmo modo como que poderia escutar. Meus olhos são meus ouvidos. Escrevo do mesmo modo que me exprimo por sinais. Minhas mãos são bilíngües. Ofereço-lhes minha diferença. Meu coração não é surdo a nada neste duplo mundo..."
Emmanuelle Laborrit

Paola se olha no espelho no quarto, e se atém ao vestido preto que realça seu corpo. Um vestido preto para jantar seria muito adequado para uma noite de verão? Pega um vestido justo e florido no armário e se veste. Agora ficou bem melhor, pensa ela.

Suspira profundamente lembrando do olhar de Raul. Que rapaz persistente! Normalmente as pessoas ficam curiosas para saber a respeito do mundo dos surdos. Não era a primeira vez que isso acontecia. Sempre há alguém interessado. Alguns passam alguns meses tentando aprender os sinais. Percebem as dificuldades. o encanto acaba e o rapaz some ou termina o namoro.

Não tinha planejado sair de casa naquela noite. Mas,

diante do convite inesperado de Raul, aceita. Porém, não pretende levar essa história adiante, pois não quer passar por outra desilusão! Marcos, surdo simpático, ativista e militante da comunidade surda. Namoraram por quatro anos, mas a relação foi esfriando, esfriando... Marcos acabou pedindo um tempo para pensar. Paola decidiu partir para a praia. Precisava de um lugar afastado para superar aquela separação.

Está pronta! Observa a silhueta. Satisfeita com o resultado, olha em volta em busca de Neve. Ali está ela, observando Paola se preparar. Paola explica que vai sair e pede que se comporte. As orelhas de Neve levantam, os olhos fitam a dona, entendendo o recado. Deita-se no sofá.

Paola vê pela janela o carro do Raul estacionando em frente a sua casa. Vai ao encontro dele.

— *Você está bonita! Como se fala 'bonita'?* Pergunta Raul, interessado.

— *Obrigada! 'Bonita'?* (Abre sua mão com todos os dedos, e faz rotação nos dedos em volta do rosto sem encostar nele).

Raul tenta fazer sinal 'BONITO' todo desajeitado. Paola

ri, pega a mão dele e tenta ajudá-lo. Ele faz o sinal várias vezes, até que ela fica satisfeita e eles seguem para o restaurante.

Ao entrarem no restaurante, de ambiente moderno, Paola fica apreensiva: havia muitas pessoas no local, música ao vivo e, para piorar a situação, estava à meia luz. Paola fica imaginando como iria ler os lábios dele na meia luz e nesse ambiente barulhento, seria possível ele entender sua voz. O que ela diria? Continuou em silêncio pensando como seria a comunicação entre eles.

Ele puxa a cadeira para ela se sentar ao lado dele, mas ela prefere a cadeira que estava em frente e se senta. Ele continua segurando a outra cadeira sem entender bem a mudança de lugar. Paola explica que seria melhor que ele sentasse na frente dela. Ela percebe que ele fica ofendido e tenta explicar de novo. Dessa vez, explica melhor.

Ele não entendia que para conversar com um surdo o ideal é que um esteja de frente para o outro ao invés de estar ao lado, pela necessidade do contato visual. Se ele se sentasse ao lado dela, ficaria muito desconfortável para conversar nessa posição.

Explica-lhe a questão e ele consegue perceber a

necessidade do contato visual. E pergunta se ela gostou do restaurante. Ela tenta falar, mas ele não consegue entender nada, por causa do alto som da música. Ele pergunta se ela gosta de música, mas, ao se lembrar que ela é surda, ele fica constrangido, e pede desculpas. Tinha se esquecido completamente. Ela escreve no papel:

Eu deveria te explicar, com esse ambiente à meia luz, vai ser difícil eu ler os seus lábios e também você não esteja acostumado com a minha voz. Acredito que vai ser difícil entender porque a música pode atrapalhar. Se soubesse a língua de sinais, seria mais fácil!

Raul relê o bilhete. Paola fica imóvel observando a reação dele. Raul fica em silêncio, pede a caneta e escreve o bilhete:

Desculpe, vamos para outro lugar. Desta vez você escolhe.

Levantam-se e vão até o carro dele. Seguem para a praia. Paola pede para ele parar o carro no calçadão no centro da Caraguatatuba, andam pela areia. Param em um quiosque onde não há quase ninguém. Paola indica o lugar. Eles se sentam na cadeira sobre a areia e pedem caipirinha e porções de calabresa acebolada.

Estavam impacientes esperando chegar o pedido, pois ambos se sentiam sem graça diante do outro. Raul começa a falar da bela vista que se tinha do lugar. A caipirinha chega, Raul levanta o copo, sugerindo que brindassem. Os copos iam se tocar, ele fala tin-tin. Porém Paola não o deixa beber. Ela explica que na cultura surda, o brinde é feito de uma forma diferente. Normalmente, os surdos erguem os copos, mas não os tocam, porque o som deles é insignificante para eles. O que eles fazem é segurar o copo, levá-lo na direção da mão da outra pessoa com quem quer brindar e tocar os dedos da mão do companheiro. E fizeram dois brindes, um do jeito dela e o jeito do dele, afinal eram dois mundos.

Ele ri e diz não saber da diferença do brinde. Pergunta se há mais alguma diferença.

— Vocês batem palmas?

— Sim.

— Nós surdos não ouvimos, então levantamos as mãos para alto e as balançamos.

— Nossa, é mesmo? Não sabia disso! Você não ouviu nada, Paola?

Paola balança cabeça negativamente: - *Nada.*

— Como você assiste televisão?

— Alguns programas têm *closed caption* (CC) , mas nem todos têm isso, o que é uma pena!

A nossa conversa foi interrompida por um amigo de Paola, Joel, sorridente, rosto sereno, moreno.

— *Joel, que surpresa. Venha para nossa mesa, quero apresentar meu amigo Raul.*

— *Aguarde um instante. Estou esperando, meu amigo aparecer.*

Apresentei-o a Raul, que nos observava.

— *Eu estava explicando para ele sobre legenda de televisão. Por favor, me interprete para ele.*

Joel começa a dar voz às minhas mãos:

— Sim, as TVs novas possuem *closed caption*, que é a legenda, mas não são todos os programas que permitem o uso de CC. Nas TVs a cabo tem muitos programas com legenda.

— Cinema nacional não tem legenda?

— Alguns filmes, que são estréia, não têm legenda. Só

depois de um ano eles colocam legenda. Fico triste. Quero assistir aos filmes brasileiros, conhecer a história, os autores, atores, enredo, tudo, mas não assisto, porque falta legenda. Assisto aos filmes estrangeiros. Esses sim, normalmente, têm legenda.

— Eu vi que você usa celular, você só recebe e envia torpedos, Paola?

— Sim, claro! Há surdos que falam bem, falam ao telefone, mas não escutam. Mas, eu mesma só uso para mandar torpedos.

— Devem ser muitos torpedos, não é?

— Sim, muitos! É uma pena, pois as operadoras de telefonia fazem muitas promoções para quem faz ligações, mas se esquecem das promoções e planos especiais para quem usa muitos torpedos.

— É verdade. Desculpe, eu sou muito curioso e fico fazendo várias perguntas.

— Ah, não tem problema não!

— E para acordar? Você usa campainha? Como faz?

Paola desenha no guardanapo e explica:

—Veja! A cama tem despertadores que funcionam por vibração ou luz piscando (para acordar as pessoas ou chamar a atenção para algum compromisso); campainhas e sinais por meio de luz piscando (para as residências e escolas); babás eletrônicas que funcionam por luz ou vibração (para captar o choro dos bebês e avisar os pais surdos que podem estar distantes ou dormindo).

—No Brasil se encontram esses aparelhos?

—Infelizmente, não! Só em alguns países e são caríssimos! Para despertar, uso meu celular. Para usar campainha em minha casa, chamei o eletricitista e ele trocou o dispositivo sonoro por um luminoso, mas só acende a luz na sala e em outros cômodos não. Tenho que pagar a mais para poder instalar na casa toda. Minhas amigas têm babás eletrônicas. Elas compraram um modelo de babá eletrônica usado pelos ouvintes mesmos, só que têm que procurar o modelo que possui vibração.

—Sei que você está no Letras-Libras, você já contou. Mas, como é lá no seu curso? Seus professores sabem libras, todos eles são surdos?

—Não, meus professores são ouvintes. Alguns professores sabem libras, outros não.

— Como os alunos entendem a aula?

— Temos intérpretes, que são nossa tecnologia humana e viva. Como o Joel, por exemplo, que é um excelente intérprete de libras. Joel, explica para ele como é ser intérprete:

— Sou intérprete há 10 anos. Os ouvintes brasileiros têm acesso ao mundo das informações e do conhecimento por meio da língua portuguesa. Já os surdos, em muitas situações da vida, se veem privados do acesso a essas informações e conhecimento por utilizarem uma língua diferente. A presença de um intérprete, então, é imprescindível para que o surdo possa se adaptar bem à sociedade brasileira. Esse fato já foi percebido pelo governo e hoje existe uma lei que garante a presença de intérpretes de libras, por exemplo, nas faculdades e eventos em que surdos estejam presentes.

O amigo do Joel chega à mesa. Joel pede licença, se despede e vai ao encontro do amigo.

— Gostei do Joel. Ele interpreta você tão rápido e com um português tão perfeito! A Rose interpreta diferente: o português dela fica estranho, quando interpreta você!

—O que você disse? Não consigo ver sua boca, você se virou!

Raul se virou e repetiu o que havia dito.

—Claro, ele é interprete profissional. Rose está aprendendo ainda.

Paola interrompe a conversa, pois percebe que, numa mesa perto, uma criança que está com seus pais – deveria ter uns três anos – está usando aparelho auditivo. Raul percebe que Paola põe os olhos na criança por muito tempo. Ele pergunta se Paola a conhecia. Ela diz que não. A criança estava inquieta, querendo brincar com areia, andava em torno das mesas. Paola se aproxima e tenta conversar com a criança. O pai percebeu que Paola era surda e puxa o filho com cuidado para irem embora, tirando-a de perto. Logo, Paola e Raul perceberam que a intenção do pai era a de afastar a criança de Paola. Ela fica triste e pensativa: “Se eu tivesse filho com **Síndrome de Down**, por exemplo, eu gostaria muito de entrar contato com adultos que tivessem essa mesma particularidade, para poder entender melhor o meu filho”

Raul fica intrigado com isso, mas não comenta. Prefere deixar para lá. Paola suspira profundamente e convida-o a

andar na praia, Paola tira os sapatos e anda na beira do mar molhando os pés. Ele observava-a, sorrindo. Ele começa a abraçá-la, para, fita-a, passa a mão nos cabelos, se aproxima e beija-a com delicadeza.

COMO SE ESCREVER AMOR MESMO?

“Esse mundo de ruído, do vosso ruído, não o conheço nem me faz falta. Dou graças pela família que tenho e que me deu uma cultura do silêncio. Falo, escrevo, faço gestos, é por tudo isto que já não sou uma gaivota que grita sem o saber.” Emmanuelle Laborrit

Raul acordou com o toque do telefone, sobressaltado. Vê Paola deitada de bruços na cama dele. Pega o celular e levanta-se da cama. Paola acorda e cobre-se com o lençol até o queixo e recosta-se no travesseiro, olhando-o e sorrindo.

Acena para ela esperar enquanto estava falando ao telefone. Anda até a cozinha, liga a máquina de café enquanto fala com o cliente. Desliga, pensando na noite anterior, fabulosa. Ela era uma mulher adulta, e ele também era maduro. Não haveria motivo para se preocupar.

Raul tem em si um misto de confusão e surpresa. Desespera-se, abrindo os olhos novamente. O que dirá a Paola?

Caminha até o quarto. Paola já está vestida, calçando os sapatos.

— Já vai?

— Sim, preciso ir!

— Vem tomar café.

Paola fica indecisa. Ela também se sentia sem graça, mas Raul a conduz para a cozinha, puxando-a junto dele e beijando-a. Ela corresponde e eles se servem de café e pães.

— O que você vai fazer hoje?

— Hoje as minhas amigas vão até a minha casa. Vamos para a praia.

Paola levanta sem terminar o seu café, ajeita-se e anda até a porta. Faz um gesto de *depois eu vejo você*.

Raul vai até a varanda, acompanha com os olhos aquele corpo moreno se afastar em movimento ritmado, até desaparecer na esquina. Senta-se, toma café e fica pensando na noite anterior. O telefone toca outra vez, ele atende: era a Rose.

— Você saiu com Paola? Como foi?

- Foi bem. Conseguimos nos entender aos poucos.
- Esqueci te avisar, os surdos escrevem de um jeito diferente.
- Paola escreve bem, mas percebi que tem alguns erros, tipo, preposição, verbo.
- Sim, há surdos que sinalizam bem e escrevem português muito bem, e alguns sinalizam muito bem, mas escrevem como libras.
- Rose, você está me confundindo? Escrever em libras? Como assim?
- Sim, lembra que te falei que a língua brasileira de sinais é reconhecida como língua, tem estrutura própria, gramática?
- Espera, quero um exemplo.
- Lá vai. Em português seria: “Comprei três Cocas-Colas”, já em libras, seria “COMPRAR JÁ COCA TRÊS”. Um outro exemplo seria: Em Português, “Eu gosto muito de maçã”, já em libras seria “MAÇÃ EU GOSTO”. A intensidade é mostrada pela expressão facial. Por causa disso, é bastante comum ver na escrita dos surdos frases

que destoam da forma como os ouvintes escrevem, mas que espelham a gramática da libras. Eles sinalizam libras, e, ao escreverem, na maioria das vezes, não conseguem separar libras do português.

— Como não?

— É um longo processo de aprendizado, Raul. Quando os surdos nascem, os pais se preocupam com o fato de eles serem surdos, levam eles ao médico na tentativa encontrar uma cura para eles. Dessa forma, acabam se esquecendo do principal: as questões educacionais. Os surdos têm muita dificuldade em aprender o português por várias razões. Entre elas pode estar a aquisição tardia de sua primeira língua. Os ouvintes aprendem o português naturalmente: desde que nascem ouvem a língua portuguesa em todo lugar e têm muitas pessoas com quem eles podem interagir nessa língua. E os surdos? Dificilmente encontram com quem conversar na língua de sinais quando são muito pequenos. Então, quando entram na escola, muitos surdos estão aprendendo duas línguas: libras e português escrito. Mas, aprender o português para o surdo é como aprender uma língua estrangeira.

CONVERSA DE SURDOS...

“A Língua de Sinais é, nas mãos de seus mestres, uma linguagem das mais belas e expressivas, para a qual, no contato entre si é como um meio de alcançar de forma fácil e rápida a mente do surdo, nem a natureza nem a arte proporcionaram um substituto satisfatório.” J. Schuyler Long

Paola abre a porta. Neve recebe-a pulando com alegria. Paola abraça sua companheira. Lembra da noite anterior e se arrepende. Não deveria ter deixado as coisas acontecerem tão rapidamente. Apressa-se em colocar o biquíni e arrumar a bolsa. O celular acende indicando que havia uma nova mensagem. Era da amiga Thamires, dizendo que já estava na porta de sua casa esperando. Corre e abre a porta. Thamires sai do carro com um biquíni branco. Ela é branca, cabelos loiros encaracolados até a cintura, magra, simpática, falante, surda de nascença. A família dela é ouvinte, mas todos têm um conhecimento básico de libras . Isso já permitia a comunicação. Ela tem três furos na orelha e, por isso, o sinal dela é assim (três dedos tocando na orelha. Já Claudia é bem diferente: é

baixinha, robusta, morena, cabelo castanho cacheados. Ficou surda devido à meningite. O que realmente chama atenção nela é ter um furo no queixo, por isso, o sinal dela é feito consiste em colocar o dedo polegar no furo do queixo. Cláudia foi criada e educada no oralismo. A família dela proibiu uso de língua de sinais, alegando que isso prejudicaria a fala dela. Ela pronuncia bem os sons assim como Thamires, mas a voz de Cláudia é fininha, mal dá para ouvir. E a voz de Paola? Fininha e rouca. Lembra quando foi comprar sorvete no Mc Donald's. A atendente ficou espantada com o pedido e exclamou:

— Você tem coragem tomar sorvete com esse resfriado?

Paola demorou a entender, mas logo percebeu que era por causa de sua voz: a atendente deduziu que ela estivesse resfriada e não sabia que a voz era diferente porque Paola era surda. Paola respondeu que ia tomar assim mesmo, e a moça balançou a cabeça negativamente, exclamando que isso era loucura!

Cláudia começou a ter contato com surdos há cinco anos no Shopping. Ficou simplesmente encantada com a mágica das mãos. Resolveu se enturmar com os surdos e aprender, mas dava para perceber que tinha jeito de surda

oralizada. Ela entendia o que os surdos sinalizavam, mas se expressava com dificuldade.

Elas caminham em direção à Lagoa Azul. O dia está convidativo. Chegam à Lagoa repleta de gente. Escolhem o cantinho afastado e ficam lá.

Ajeitam as cadeiras da praia e colocam o guarda-sol. Thamires vira para Claudia:

— *Você vai tomar sol?*

— *Vou tomar sol de bruços, deitando na água rasa da Lagoa.*

— *Certo! Eu também vou tomar sol, e você Paola?*

— *Eu também!*

Ajeitam as cadeiras em círculo para poderem conversar melhor. Claudia – por conviver com surdos há pouco tempo – estava intrigada pela visita do surdo que recebeu na noite anterior. Como eles conversavam! Não se preocupava com as horas. A família da Claudia reclamava. Perguntavam, indignados, se aquilo eram horas para receber visitas.

Claudia comenta sobre isso. Thamires diz:

— *Também percebi. Quando minha amiga surda vai dormir na minha casa, nós conversamos a noite inteira e dormimos poucas horas pela manhã. Mamãe não se conforma: fica reclamando e perguntando como conseguíamos ter tanto assunto. Uma vez fui dormir na casa da minha amiga ouvinte. Ficamos conversando durante meia hora e depois já fomos dormir.*

— *Na igreja católica que eu frequento, os surdos chegam bem antes da hora da missa, e quando termina a missa não vão embora, permanecem no pátio conversando até as luzes se apagarem. O mesmo acontece em festas de aniversário, onde qualquer um observa que os ouvintes vão sempre embora antes dos surdos.*

— *Ah! Na festa famosa do Instituto Santa Paula, escola de surdos, nos ficávamos conversando, conversando, até a luz apagar avisando para irmos embora. No escuro não dá para enxergar os sinais! Exclama Paola rindo.*

— *Alguns alunos surdos não vão para casa depois do término da aula. Eles ficam do lado de fora da escola, na calçada, conversando até tarde. Resolvi perguntar para um dos alunos por que eles não iam para casa. Eles me disseram: “Não quero ir para casa! Vou fazer o quê? Só*

ver TV, comer, dormir. Ninguém conversa comigo lá”.

Rindo, resolveram mergulhar na lagoa, catando as conchinhas e pedras que ficavam na areia. Horas depois, retornam à praia e comem um lanche. Enquanto comiam, Cláudia diz:

— Ontem um surdo me contou uma piada muito engraçada. É a piada do Adão e Eva surdos. Vocês conhecem?

As duas respondem que não. Cláudia se empolga com a resposta negativa das amigas e começa a contar a piada:

- Adão e Eva estavam no paraíso. Um dia, Eva acha que eles deveriam provar a maçã, que era uma fruta proibida. Adão sinaliza para Eva que não, pois Deus havia proibido expressamente que eles comessem daquela árvore. Eva ignora e sinaliza para Adão mais uma vez convidando-o a experimentar junto com ela, até que Adão cede. Assim que morderam a fruta, Deus fica furioso e disse que, a partir dali, eles não mais viveriam como pessoas inocentes, nuas no paraíso, pois passariam a sentir vergonha de seus órgãos sexuais. Subitamente, Adão e Eva sentiram uma grande vergonha por estarem nus e colocaram suas mãos sobre os genitais para escondê-los. Nesse instante, foram

obrigados a parar de utilizar a língua de sinais natural que Deus havia lhes dado e se viram obrigados a desenvolver a fala com a boca.”

As duas riem da piada e Tamires se anima a contar uma também. Ela se levanta da cadeira e começa:

- Há uma outra piada sobre surdos que ouvintes adoram, mas nós, surdos, não entendemos por que eles riem dessa piada. Lá vai: Os dois surdos vão se casar, mas o padre surdo que ia celebrar precisa faltar por motivo saúde. Foi substituído às pressas por um padre ouvinte que desconhecia a libras e não teve tempo para contratar um intérprete. Então, o casal para diante do padre na cerimônia. A noiva e o noivo se entreolham e, radiantes, olham para para o padre tentando articular as palavras, mas tudo em vão. Na hora de colocar a aliança, o padre pronuncia a palavra ‘aliança’ bem articuladamente, mas o casal não entendia. Ficavam olhando um para o outro e olhavam para o padre não entendendo. O padre repete mais uma vez a palavra ‘aliança’ labial bem devagarzinho. Nada foi entendido. O padre, irritado, mostrou o dedo indicador e com a outra mão simulou a colocação da aliança. Com isso, o noivo, que interpretou

o gesto de forma errada, respondeu: “Sim: já fizemos isso e já fazia muito tempo. Entenderam? Pois é, eu também não entendi, mas os ouvintes adoram essa piada!!

Paola, pensativa, pega o bronzeador, se levanta, passa nas pernas e, depois, em todo o corpo. Sinaliza:

— Não entendo por que as piadas de ouvintes e surdos são diferentes, têm algumas piadas de ouvintes, alguns. eu rio, mas outras consigo entender. Como é que pode?

— Mas não é só isso, piada, tem outras coisas! – exclama Thamires.

— Como assim? – indaga Claudia com surpresa.

— Por exemplo, surdos e ouvintes geralmente têm comportamentos bem diferentes. Uma vez, uma aluna ouvinte me deu um livro de presente de Natal e, na hora que abri o embrulho e vi o livro, disse para ela: “Ah, já tenho esse livro”. Percebi que o grupo ficou rindo e a aluna que me deu livro ficou vermelha. Perguntei o que aconteceu e eles me contaram que eu não deveria ter falado isso tão diretamente, mas ter disfarçado e aceitado o presente. No dia seguinte, eu poderia trocar o livro por outro que eu não tivesse. Eu não achava isso e preferi que

a aluna soubesse que eu ia trocar o livro. – exclama Paola.

— Mas isso acontece com ouvintes também, há ouvintes que têm coragem de manifestar exatamente o que pensam e tem outros que ficam quietos. – comenta Claudia.

— É? Não sabia disso. Aconteceu também comigo. Fui ao shopping com meu amigo ouvinte, Eduardo, ele encontrou um rapaz no shopping, mas não se lembrava de onde o conhecia, e por isso não o cumprimentou, mas ficou andando em volta dele. Por fim, o rapaz reconheceu meu amigo, cumprimentou-o e conversaram. Quando fomos embora, perguntei ao Eduardo por que não o cumprimentou logo que o viu se o conhecia. Ele me disse que não o cumprimentou de imediato, porque não se lembrava de onde o conhecia e ficou com vergonha de perguntar isso a ele. Achei estranha essa atitude. - Thamires diz isso, rindo.

As amigas três riem bastante.

— Lembro que numa escola em que eu trabalhei os professores e alunos faziam amigo secreto no final do ano. Então nos tínhamos de falar as características físicas e psicológicas de nosso amigo secreto para os outros adivinharem quem era. Daí, um aluno se levantou e disse

que a amiga secreta dele era muito gorda. A professora ouvinte chamou atenção desse aluno: "Não fala isso, ela é gordinha." Os surdos falam diretamente, sem rodeios, diferente dos ouvintes.

— É diferente. Quando converso com os ouvintes, não faço muita pergunta do tipo 'idade', 'se é casada', 'onde mora'. Tento manter um certo distanciamento. Mas com os surdos, é diferente. Acho que é porque temos laços muito fortes de comunicação porque temos muitos assuntos em comum, histórias, experiências, tudo. Mas, com os ouvintes, é diferente. — continua Paola.

— Claudia, você não sabe o que aconteceu com a Thamires? — Paola sorri maliciosamente.

— Que foi? As duas exclamaram.

— Thamires, lembra da Bahia?

— Nem quero lembrar! — Thamires suspira.

— Fala, o que aconteceu? - Claudia pergunta curiosa.

— Recebi recado estranho da Thamires me pedindo para eu entrar no MSN, para conversar via web câmera com ela, ela disse que era urgente! Fiquei preocupada, pois ela tinha viajado para o nordeste para encontrar um cara

ouvinte que tinha conhecido através do site de relacionamento. Não conseguia entrar na internet e ela estava desesperada para falar com alguém em LIBRAS. Sentia falta de se comunicar através da língua de sinais. Sentia-se sufocada depois de passar quatro dias com o cara, falando e fazendo leitura labial. Ela tem família que se comunica em libras com ela, por isso, passar quatro dias só falando foi uma tortura para ela. – expliquei para Claudia.

*—Nunca mais! Agora só namoro com surdo. Lembra quando eu era casada com ouvinte? Na época que namorávamos, ele usava língua de sinais, mas depois que pusemos a aliança na mão esquerda, cessou completamente. Só queria que eu usasse a voz e gesto. É muito difícil, não sei se a voz está alta ou baixa. Ele ficava irritado com a minha voz quando eu falava alto, mas não percebo. Isso cansa! Continua a historia do meu drama! –
ri Thamires*

—Por sorte, ela encontrou com alguns surdos no quinto dia, ficou mais calma e me mandou torpedos dizendo que estava tudo bem. A sensação de impotência diante da língua oral, sem libras, é muito grande.

— *Eu entendo você. Há um tempo atrás, fui para a Europa com meu amigo para visitar uns amigos holandeses. Como eu estava acostumada a ler jornal, revistas, passadas algumas semanas, me senti desesperada, porque tudo estava escrito na língua local. Precisava ler algo em português. Não agüentava mais ficar tentando decifrar o que estava escrito. Eu adoro ler antes de dormir, e como não tinha levado nenhum livro comigo, tomei um emprestado do meu amigo holandês, mas quando abri o livro me dei conta de que ele estava em inglês. Na hora da partida, no avião, na poltrona da minha frente, tinha um pequeno visor de televisão, eu procurei por um canal de filmes, quando o encontrei e quando vi que tinha filmes legendados em português, foi um grande alívio! Apesar de eu me comunicar com meus amigos através da língua de sinais e gestuno, sentia falta do português. - diz Paula.*

— *Mas o que é gestuno? – pergunta Claudia*

— *Esperanto é língua universal de ouvintes, então Gestuno é língua de sinais universal dos surdos. O gestuno é muito usado em congressos internacionais, eventos. Paola olha para Thamires:*

— *Thamires, você nunca mais vai namorar com ouvinte?*

— *Eu? Nem morta! Só namoro um rapaz se ele for surdo!*

— *Conheci um rapaz aqui, saímos ontem.*

— *Surdo ou ouvinte?* – as duas sinalizaram ao mesmo tempo.

— *Ouvinte!*

— *Jura? Como foi? Ele é bonito?*

Riem.

— *É bonito sim! Ele cometeu tantas gafes. Vocês acreditam que ele me levou num bar com ambiente mal iluminado e com música ao vivo?*

— *E ai?*

— *Fomos para outro lugar, não sabia onde, quando eu vi o quiosque na praia, fomos para lá.*

— *Quiosque? Tá louca?! Por que não foram a um restaurante!*

— *Eu sei, mas não sabia o que pensar. Não conheço bem Caraguatatuba. Decidi assim que vi o quiosque na praia.*

Claudia maliciosamente sorri para Paola:

— *Então, como foi?*

— *Foi bom!*

— *Só isso!? Hummmm... Está bem, vou respeitar sua privacidade. Ei, quando você vai ficar aqui?*

— *Eu? Um mês!*

— *Sortuda! Nem quero voltar para casa! Não sinto a minha casa como sendo minha de verdade. Lá,, todos conversam, riem, mas me deixam isolada. Nem tento mais acompanhá-los na conversa. É frustrante ficar procurando os lábios de quem está mexendo, tentar entender o que está falando e, de repente, ver que a pessoa para de falar, porque outra começou. . É cansativo ter que começar tudo de novo: procurar de novo pelos lábios que estão se mexendo e tentar entender o que falam. Já aconteceu de eu só identificar a pessoa que está falando no momento em que ela já está acabando de falar, e, com isso, ser impedida de entender completamente a conversa. É por isso que, depois de comer, vou para computador ou vou ver televisão. Conto os minutos para acabar essa tortura.*

— *Meus amigos comentam dessa sensação de abandono,*

deslocamento e eu pensei que eu era a única. Sei que não é uma exclusão intencional, mas é uma sensação horrível.

— É um martírio passar o natal com minha família! Nessas ocasiões, fico contando os dias para chegar o ano novo para poder passar com meus amigos surdos! – Paola suspira.

— Os meus parentes são pessoas adoráveis, mas o assunto da conversa com eles é sempre o mesmo: “Tudo bem?”, “Está com fome?”, “Pega mais comida”, somente coisas banais. Nunca pude discutir com eles questões sérias, mais profundas, ou mesmo coisas divertidas. Nunca fui incluída nas rodas de conversa. Eu brigava muito com minha mãe, que me obrigava a viajar com ela para essas “comemorações”. Ela não entendia a minha necessidade de estar no meu mundo, de ter a minha língua ao meu redor.

— Nossa, que tortura! Minha família usa língua de sinais, eu e minha irmã que somos surdas, nunca nos sentimos abandonadas, sou feliz em minha casa. – Thamires diz.

— Sorte sua! Minha mãe não me entende – suspira Claudia.

— *Vamos para casa almoçar?* Paola levanta.

— *Vamos sim!* Todos se levantam e andam em direção à casa.

FIZ FONO E VOCÊS, VÃO FAZER LIBRAS?

“Os surdos não se consideram deficientes, e sim uma minoria lingüística e cultural, que tem a necessidade, na verdade o direito, de estar juntos, de ir para a escola juntos, de aprender uma língua que lhes é acessível e de viver na companhia e comunidade de outros como eles”. Oliver Sacks

Marcos pega a estrada e segue sentindo o vento bater no seu rosto, apreciando a paisagem da serra na Rodovia Tamoios, descendo em direção à Caraguatatuba. Aperta as mãos no volante. Está pensando se deve avisar à Paola que está indo vê-la ou se faz uma surpresa.

Por conhecer bem o gênio forte de Paola, ele resolve mandar uma mensagem para o celular dela avisando que irá para Ilha Bela, mas que antes passará em sua casa para visitá-la. Faz isso quando para num posto para esticar as pernas.

Com calor, suado, para diante da prateleira, vê quais bolachas que irá levar na viagem. Uma vendedora para ao seu lado, bem próxima, Ele olha para ela e ela para ele. Ela não lhe dirige palavra alguma. Fica apenas olhando

para ele fica irritado. Sabe que não pode virar o rosto, pois ela poderia falar algo nas costas dele. Gosta de ver a vendedora na sua frente, ou numa certa distância. Ela continua fitando-o. Ele se sente incomodado por ser olhado daquele jeito e sem que a vendedora falasse nada. Quando ela sai de perto dele, ele respira aliviado. Mesmo de longe, ela faz uma cara feia. Ele desiste de tentar entender por que ela estava olhando para ele fixamente e desiste também de pegar bolacha. Ele vai ao balcão e pede um lanche e um refresco. Irritado ainda com a vendedora, relembra os vários episódios que eles, os surdos, precisam bolar estratégias para não passarem por bobos. Quando chega na consulta, observa as pessoas e procura notar também quem chegou depois de dele. Avisa à secretária para chamá-lo quando chegar a sua vez, mas muitas vezes secretária esquece chamar. Marcos vê as pessoas saindo da sala do consultório. Se alguém que tenha chegado depois dele entrar no consultório, ele reclama.

Marcos fica lembrando do encontro anterior com a Paola na praia. Sente remorso. Depois de passar quatro anos junto com ela, a relação foi esfriando. Foi caindo na rotina até que resolveu pedir um tempo à Paola. Ela ficou

triste e, por isso, resolver passar um tempo na praia.

Depois de um tempo, ele sentiu tanta a falta dela, que se arrependeu de tomar essa atitude. Realmente gostava dela. Queria tentar recuperar o tempo perdido e tê-la volta. Ansioso, olha o celular e se decepiona vendo que não há mensagem de retorno da Paola. Quem sabe ela está na praia e não viu a mensagem, pensa ele.

Levanta e se dirige ao carro. E segue rumo à estrada. Relembrando da cena que aconteceu na semana retrasada. Foi convidado a dar uma palestra em um evento promovido que tinha como objetivo tratar dos direitos humanos, e principalmente, dos surdos. O evento aconteceu no interior de São Paulo, e lá ele conheceu algumas surdas e, entre elas, Priscila. Ela usava língua de sinais da cidade, e falava bem. Ela era calada, introvertida, mas de personalidade forte. Sentia vergonha de usar língua de sinais em lugares públicos. Marcos mostrou a importância de usar a língua de sinais. Foi com ela em lugares públicos, tentou usar sinais com a balconista de uma perfumaria. Ela percebeu que não seria difícil, não precisava passar por uma pessoa ouvinte tentando fugir do contato com o público.

Depois de alguns meses, ela não falava mais, só sinalizava. A mãe desesperada foi falar com Marcos, para aconselhar Priscila que não precisava deixar de falar, já que usava a fala de vez em quando. Ele atendeu o pedido da mãe e foi conversar com a moça. A resposta dela o surpreendeu:

- Só usarei a voz, se eles, minha família, forem fazer um curso de libras. Afinal fiz treinamento fonoaudiológico vários anos por causa deles, tentei entender o mundo deles. Por que eles não podem fazer um curso de libras?

Não sabia que responder, mas transmitiu o recado para a mãe. Ela se prontificou a colocar o marido, o filho, a filha mais nova e a avó no curso de libras dado por Marcos. Priscila fez greve da fala até o fim do curso. Depois chamou-o e questionou se eles tinham ido bem no curso. Tendo a resposta afirmativa, voltou a falar. Marcos ficou admirado com a firmeza dela, ela soube usar uma estratégia para unir a família. Depois, a família convidou-o a conhecer caverna da cidade dela. Ele passou na casa dela para tomar café e se espantou ao ver a família usando a língua de sinais, um ambiente de surdos. Sentiu uma grande admiração pela persistência dela.

“É uma pena que minha família não é assim”, pensa Marcos. Filho único, por causa da meningite, ficou surdo aos dois anos de idade. Usa aparelho auditivo, mas não consegue entender as palavras ou frases inteiras. Só barulho. Às vezes consegue identificar o som, mas não sabe de onde vem. Usa o aparelho para se sentir seguro, necessita do som e gostava dessa sensação. Diferente da Paola, que tentava de qualquer jeito se livrar do aparelho que a mãe a obrigava a usar quando era criança, ele se adaptou bem ao aparelho.

Paola passou a infância toda indo à fonoaudióloga, mas não conseguia aprender a falar, é muito difícil, ela dizia! “A minha voz é sem graça, anasalada, às vezes muito alta, às vezes muito baixa”. Sempre a mãe dela se preocupava com a fala, pois achava ridículo depender de intérprete. Puro engano! Completamente independente, ia ao médico sozinho, às vezes o médico entendia, mas se não entendesse escrevia. Paola nunca sentiu necessidade de usar a voz para se tornar independente. Há outros recursos que podia utilizar.

Paola! Moça independente, militante da causa surda, identificava-se muito com ela, pois apesar de todas as

diferenças individuais compartilhavam uma mesma língua de sinais e uma mesma história de discriminação. Também se sentiam bastante isolados em relação ao mundo ouvinte pela diferença da língua. Já tinha saído com mulheres ouvintes, mas não é mesma coisa! Não há química da comunicação entre o casal! Por outro lado, conhecia alguns casais formados por um ouvinte e uma surda, ou vice-versa, que deram certo. Ao se lembrar disso, fica imensamente feliz por isso simbolizar uma quebra de obstáculo da comunicação entre ouvinte e surdo.

Marcos pega o celular e vê uma mensagem de Paola dizendo que estava na praia com Thamires e Claudia e estava indo para casa almoçar e o convidava se juntar a elas.

Marcos fica admirado pelo fato de Claudia fazer parte do grupo de surdos. Oralizada! Marcos fica feliz por ela aceitar o grupo de língua de sinais e o grupo aceitá-la também. Sempre achou que não importa se a pessoa é oralizada, se opta por implante coclear ou se usa libras. Para ele, o mais importante é ter respeito pelos outros e que aconteça a comunicação!

Acelera o carro rumo à Lagoa Azul!

***OUVINTE E SURDO: QUALDO A PALAVRA É
CONFLITO?***

"A língua é a chave para o coração de um povo. Se perdemos a chave, perdemos o povo. Se guardamos a chave em lugar seguro, como um tesouro, abriremos as portas para riquezas incalculáveis, riquezas que jamais poderiam ser imaginadas do outro lado da porta." Eva Engholm, 1965

Sente uma vibração no bolso do short, pega o celular, vê que havia uma mensagem nova. Era Marcos querendo vê-la. Gela, continuava andando em direção a sua casa com Thamires e Claudia. As duas perceberam a sua fisionomia mudar.

—*Aconteceu alguma coisa?* – Claudia perguntou preocupada.

—*É o Marcos, quer vir aqui! Não sei o que vou responder!*

—*Fácil! Fala para ele esquecer você, não é justo dispensar você depois de quatro anos de namoro!* – esbraveja Thamires.

— *Eu sei, mas o relacionamento estava desgastado.. Bem, acho que vou convidar ele para vir almoçar conosco. Não quero ficar sozinha com ele.*

— *Ok! Vamos fazer o almoço!* –disse Claudia.

Enquanto, na pia, Thamires e Paola cortam cebola em silêncio, Claudia, sentada à mesa, olha para elas fazerem o almoço e comenta:

— *Mãos ocupadas e lado a lado não dá para conversar! Vocês perceberam que contato visual dos ouvintes e surdos é diferente?*

— *Os ouvintes falam, olham para os lados, isso não atrapalha o andamento da conversa. Alguns amigos ouvintes já me disseram que manter um contato visual muito intenso com a pessoa com que se está conversando pode ser até invasivo. Em alguns casos, os ouvintes podem perfeitamente conversar virados de costas um para o outro, exemplo: quando uma pessoa está preparando comida na pia e a outra espera sentada na mesa, como nós estamos fazendo, precisamos tentar o jeito de cozinhar frente a frente para conversarmos – diz Paola.*

— *Sim, mas no caso dos surdos, qualquer coisa que bloqueie o contato visual acaba interrompendo a conversa; é necessário o contato visual contínuo. Assim, quando os surdos estão num ambiente conversando e há ouvintes presentes, é comum perceber choques culturais.*

— *Thamires comenta.*

— *Eu me lembro que, quando namorava um ouvinte, ele se incomodava de ter que manter o contato visual, por exemplo, enquanto usava o computador e queria conversar comigo sem desviar os olhos no computador. Eu ficava muito incomodada com aquilo! Eu reclamei várias vezes e, apesar de se incomodar também, aos poucos ele percebeu que esse contato era uma necessidade minha. — Paola disse rindo.*

— *Um dos choques culturais que observei na sociedade foi em situações em que há rodas de surdos conversando em um espaço não muito grande. Os surdos ficam irritados quando, querendo passar, o ouvinte toca no ombro de um dos surdos e pede para passar. O surdo se vê obrigado a interromper o que estava falando para dar licença e isso o incomoda demais. — observa Claudia.*

— *É verdade! Para não atrapalhar a conversa, basta o ouvinte fazer o sinal de “Desculpa”, abaixar um pouco a cabeça e passar no meio da roda de surdos, que eles podem continuar conversando normalmente. Outra opção é a pessoa passar por trás das pessoas que estão conversando, apenas encostando a mão nos ombros da pessoa surda e não cutucando. Se cutucar, a conversa vai ser interrompida. E quem é que gosta de ser interrompido enquanto está conversando?* – questiona Paola.

— *Vocês já perceberam quando nos três viemos para cá andando e sinalizando? Os ouvintes conseguem fazer isso? Tenho amigos ouvintes que não conseguem andar sinalizando, ficam com medo de esbarrar em outras pessoas ou cair!* – Thamires sorri ao lembrar em pensamento algumas cenas com ouvintes.

— *Não tinha percebido, já aconteceu com você, Paola?* – pergunta Claudia.

— *Ah, sim! No almoço também é outro problema. Quando os ouvintes almoçam com surdos, eles costumam ter dificuldade de acompanhar a conversa. Ou olham para o prato e perdem o que está sendo falado, ou ficam muito tempo sinalizando e observando. Demoram demais para*

comer. Os surdos comem e conversam naturalmente, sem que uma atividade atrapalhe a outra.

—*Mas o Marcos, mesmo sendo surdo, não consegue comer e sinalizar ao mesmo tempo.* – continua Paola rindo.

—*É sério? Não percebi! Mas não é feio falar enquanto comemos?* – diz Claudia.

—*Para ouvintes, sim. Eles costumam ensinar os bons costumes na hora de comer e entre eles está o fato de que, enquanto comemos, não devemos ficar conversando. Ora, essa regra de bons costumes parece fazer bastante sentido para os ouvintes, pois quando eles falam com a boca cheia a comida pode ficar visível, ou então a pessoa pode deixar comida cair da boca, e nada disso é agradável para quem está numa mesa. Além disso, é até difícil entender o que uma pessoa fala de boca cheia.*

Thamires continua:

Para os surdos, não faz sentido. Gostamos de conversar o tempo todo enquanto comemos e isso pode incomodar os ouvintes. Mas não precisamos usar boca e sim as mãos para conversar.

— *E para dirigir!?! O Marcos consegue dirigir e sinalizando! Eu não consigo. Quer dizer, até consigo sinalizar, mas não consigo olhar para outra pessoa no banco ao lado. Falo, mas não quero olhar a resposta. O Marcos consegue conversar e olhar para a pessoa com quem está conversando e ainda dirigir bem!* – Thamires diz.

— *Claudia, eu gostaria saber como você foi criada.*

— *Eu tive meningite aos três anos de idade, quando a febre passou, não ouvi mais nada. Meus pais nunca souberam como me educar. Aprendi a língua de sinais aos nove anos, mas não foi por completo, apenas algumas palavras soltas. Durante a faculdade, precisei aprender gramática e acompanhar surdos para poder me tornar fluente, para poder acompanhar minhas aulas com intérprete. Eu passei a vida tentando decidir se deveria ser como os surdos que falavam ou se deveria mergulhar de cabeça na língua de sinais. Na maioria das vezes, fiquei em cima do muro, arrastando-me entre esses dois mundos.*

— *Atualmente, o que você sente?* - Thamires pergunta, curiosa.

— *Eu decidi viver nos dois mundos sem crises. Tem dias que saio com surdos que falam, e hoje estou com vocês, que usam a libras. Antes eu ficava angustiada, mas agora penso que é melhor aceitá-los e me aceitar onde estiver. Aprendi a libras, vou aprender ainda mais!*

— *Minha mãe me disse que os médicos falaram para ela que eu seria bem-sucedida se falasse. Se eu aprendesse língua de sinais, teria dificuldade em aprender a falar, ou me acomodaria e não ia querer mais falar. – continuou Cláudia.*

— *Que absurdo! Eu uso língua de sinais, mas falo sim! – exclama Paola.*

— *Que engraçado! Até parece que as cordas vocais estão dentro das mãos. É um absurdo pensar que usar as mãos para sinalizar possa prejudicar a fala, não acham?! – graceja Thamires.*

— *Mamãe percebeu que eu era retraída, sozinha, resolveu procurar outras opiniões. Encontrou uma fonoaudióloga que sabia língua de sinais e me colocou para aprender língua de sinais, mas como ela não era fluente, acabei só aprendendo algumas palavras isoladas. – suspira Cláudia.*

— *Eu conheci uma moça que é surda, mas tem vergonha de ser surda. Queria ser ouvinte por causa da influência da família dela. Nenhum deles aceita a língua de sinais. Eles prendem a moça em casa, não a deixam sair de casa. Ela só vai para escola. A própria mãe a considera incapaz. Isso abaixa demais a auto-estima dela.* – o rosto da Paola fecha.

— *Quantos anos ela tem?* – Thamires curiosa.

— *A Paula? Ela tem 17 anos, não sabe ler nem escrever. Nem sei o que ela aprende na escola. É uma moça bonita e educada. Mas vive presa em casa. Isso faz com que a surdez seja uma coisa negativa para ela, porque a família faz da surdez um pretexto para sua inferioridade e não veem eles mesmo que a estão reduzindo a esse estado.*

— *Quando eu tinha 17 anos, já passeava com muitos amigos surdos para balada, festa, praia. Me divertia tanto, graças a Deus!* – Thamires fala sorrindo.

Nesse momento, Marcos chega e interrompa a conversa cumprimentando-nos.

— *Vocês estão fofocando?*

— *Estamos falando de Claudia, que nos aceita, nos respeita! – Paola responde.*

— *Sim, eu também me surpreendi quando você me falou que ela estava aqui. É bom ter você aqui, Claudia!*

— *Estou com fome, vamos comer!*

Claudia, cristã praticante, pede para rezar o Pai-Nosso antes do almoço, em agradecimento por terem tido um dia muito bom, e por estarem reunidos. Isso era muito importante para ela.

Marcos, já sentado, pega o prato, fazendo a careta:

— *Precisa agora?*

— *Por favor, preciso sim! Sinto-me melhor!*

Ele suspira e levanta! Colocaram-se em círculo, e encostaram cada um de seus pés no pé do da pessoa vizinha, como símbolo de união. Depois disso, sinalizaram a oração.

Terminada a oração, sentaram-se à mesa, riram e conversaram bastante.

SOU FELIZ SENDO SURDA?

" É impossível para aqueles que não conhecem a língua de sinais perceberem sua importância para os surdos: a influência sobre a felicidade moral e social dos que são privados da audição, a sua maravilhosa capacidade de levar o pensamento a intelectos que, de outra forma, ficariam em perpétua escuridão. Enquanto houver dois surdos no mundo e eles se encontrarem, haverá o uso dos sinais." J. Schuyler Long adaptação*

Depois do almoço, Thamires e Claudia resolvem ir embora, deixando Paola e Marcos sozinhos. Marcos convida Paola para caminhar na praia. Paola, Marcos e Neve caminham na praia em silêncio. Paola, receosa, não sabe como falar do que estava acontecendo...do seu envolvimento com Raul.

— *Sente a minha falta? Não é ruim você ficar aqui sozinha?*

— *Não me senti sozinha, conheci alguns vizinhos legais! Olha, vou falar logo, não quero voltar para você, agora preciso pensar o que eu farei da minha vida.*

— *Está bem! Conheceu alguém?*

— *Conheci sim, mas nada sério! Ele é ouvinte!*

— *Meu Deus, ouvinte? Não vai dar certo!*

— *Não estava dando certo entre nós também. Não é a mesma coisa?!?! Não vejo por que não posso namorar um ouvinte. Tenha a santa paciência! Não vou namorar o ouvido dele, não! Vou namorar a pessoa, oras!*

— *Você não entendeu! Estou falando do problema de comunicação, da diferença cultural.*

— *Já entendi. Mas quero arriscar!*

— *Me desculpe, mas vou para Ilhabela, se você quiser, pode me procurar!*

Marcos sai e deixa Paola sozinha na praia. Ela se senta na areia com a Neve e fica observando as ondas do mar batendo na areia e o sol se pondo.

Paola fica pensativa.

Ouvinte? Que idiota o Marcos! Quero conhecer o Raul como pessoa! Ouvir?! Uma amiga me perguntou se eu pudesse ouvir, que som gostaria de ouvir. Essa pergunta me chocou, pois nunca pensei no meu desejo de ouvir algo específico. Respondi simplesmente que nunca tinha

pensando nisso. Pode ser que fosse interessante poder ouvir naquele momento em que vejo a platéia toda chorando por ouvir alguém cantar. Isso poderia ser interessante! Sentir emoção ao ouvir o som da voz! Mas, penso que, para mim, isso não é importante. O que realmente me emociona é ver as cores do pôr-do-sol, as cores dos raios e dos relâmpagos, as crianças brincando no parque. Me emociona sair do serviço e parar em uma padaria para tomar café, tranqüila, olhando as pessoas passarem... Isso sim é vida! Saber usufruir a beleza da vida que Deus me deu!

Viver me preocupando em me incluir na sociedade ouvinte? Viver para me igualar aos ouvintes e ser uma pessoa quase ouvinte!? Não sei não! Viver é me aceitar como eu sou! A partir do momento que me aceitei, passei a me sentir livre e comecei a aproveitar os minutos da vida, saboreando a minha tranquilidade e a minha paz!

Não quero ser uma daquelas pessoas que acordam e olham para trás se sentindo péssimas por não terem aproveitado a vida. Quero viver, amar e ser amada. Se Deus me colocou na terra por algum motivo, tenho que provar que ele fez a coisa certa e me aceitar como sou,

Surda!

As pessoas me perguntam se sou feliz, mesmo sendo surda. Fico intrigada com essa pergunta. Sei que eles têm pouco contato com os surdos, desconhecem o que os surdos sentem. Eles pensam “ouvir” é tudo! A música, o celular, sem eles e sem os sons a vida é muito triste. Talvez para eles sim! Mas, eu nasci surda. Isso nunca fez falta para mim.

Sou feliz, sim! E sou feliz por ser a pessoa em que e tornei e não por ser surda. Essa é a diferença! Não sou infeliz! Sou feliz em todos os aspectos, não adianta me revoltar por um mínimo detalhe da deficiência que me foi imposta. Revoltar-me seria uma grande perda de tempo! E não alcançaria os objetivos da minha vida com isso. Ser surda é o motivo da minha existência e a condição que me foi posta na Terra! Sei viver com essa diferença e ser alguém que vive e não alguém que carrega a surdez como um fardo, um martírio!

Lembro que, quando eu lecionava numa escola de surdos, um aluno, aproximadamente com 14 anos, me perguntou se Deus sabia Libras. Eu estranhei a pergunta, mas respondi que sim, e ele saiu todo feliz. Outro dia, a

professora de religião veio me questionar porque eu havia afirmado que Deus sabia Libras. Fiquei surpresa com a pergunta dela! Ora, Deus é onipotente e onisciente: fez todas as coisas da Terra e conhece profundamente tudo que há. Certamente ele conhecia as línguas pelas quais os surdos se comunicam, pois elas fazem parte do conjunto de línguas que Ele mesmo criou. Quando encontrei o aluno novamente, perguntei por que ele havia me questionado sobre aquilo. Ele disse: “Quando eu morrer e for para o Céu, como é que Deus vai me entender usando Libras? Se ele não souber conversar em Libras, pode não me entender e me mandar para o Inferno”. Achei engraçado e interessante o que ele falou, mas ao mesmo tempo fiquei pensativa e comovida. Na minha infância, nunca tinha me passado pela cabeça que eu iria morrer e continuar surda após a morte. Sempre acreditei que me transformaria em uma ouvinte. Já aquele aluno, nunca pensou que ia ser ouvinte; simplesmente aceitou o seu jeito de ser e acreditou piamente que nunca precisaria se tornar um ouvinte nem mesmo depois de morto!!!

Já escurecendo, Paola se levanta e caminha com a Neve indo para casa.

INTERPRETAR: EIS A QUESTÃO!

"Os surdos podem comunicar-se mais facilmente e com maior precisão pela Língua de Sinais, porque o cérebro deles se adapta para esse meio e, se forçados a falar, nunca conseguirão uma linguagem eficiente e serão duplamente deficientes." Oliver Sacks

Ilhabela é conhecida como capital da vela. Possui mais de 40 praias e 300 cachoeiras. Ilhabela fica a uma distância de aproximadamente 18 quilômetros. A travessia é feita pelas balsas que saem do município de São Sebastião.

Depois de chegar à Ilhabela, Marcos vai à praia, e se dirige a um dos quiosques. Ele se senta e daquele momento em diante não para de olhar para o relógio. Será que o Joel vai se atrasar? Pensa em mandar torpedo perguntando se ele iria demorar. Na hora que estava enviando o torpedo, sente uma mão no ombro, vira-se e abre um sorriso. Era o Joel.

Suado, sorridente, Joel se senta e pede um refresco.

— *Desculpe a demora, fiquei na fila para poder entrar na*

balsa. Estava cheio de carros querendo vir para cá.

— *Não tem problema, mas poderia ter me avisado por torpedo.*

— *Eu sei! Mas estou aqui! Você está bem? Me parece que está deprimido.*

— *Sim. Ontem fui à casa da Paola, mas ela não quer voltar para mim, já esta saindo com outro.*

— *Raul? Ouvinte?*

— *Você conhece? Como?*

— *Eu vi eles no barzinho na praia. É um cara simpático, todo curioso em relação à surdez!*

— *Sei. Depois vai cansar e jogar a Paola fora.*

— *Vamos ver!*

O garçom interrompe a conversa, quando chega e coloca dois refrescos na mesa. Ele pergunta se os rapazes querem algo mais. Joel interpreta para o Marcos. Ambos agradecem o garçom, mas, até aquele momento, não queriam nada mais além do refresco.

— *Graças a Deus, estou de férias!- Suspira Joel.*

— *Você está interpretando na Faculdade para um aluno*

de Direito, não é?

— Sim, é isso mesmo!

— É fácil interpretar os termos de Direito?

— Não é fácil, não. Pois não tem sinais específicos do Direito. Como a lei foi assinada, reconhecendo libras como língua brasileira, agora a lei exige a presença de intérpretes nas faculdades. Aumentou muito a inserção dos surdos nas universidades, nas mais diversas áreas. Mas estão surgindo aos poucos os sinais específicos de cada área.

— Se a polícia chamar você para interpretar para um acusado e não tiver sinal para aquilo que está interpretando, como você explicaria?

— É bem difícil. A polícia pode pensar que estou ajudando o acusado, ou que não estou interpretando bem! Mas não é isso, o surdo fala assim: eu roubar não, todos olham para mim, eu não entendi, eu limpo. Eu entenderia o que ele quer dizer, eu precisaria traduzir para português, assim como: eu não roubei, todo mundo ficou olhando para mim, não entendi o que significa, não fiz nada!

— *Você precisa saber não só o vocabulário, mas também a expressão facial, corporal, a gramática, o uso do espaço, não é? Acho que intérprete de sinais deveria ser bem remunerado, mais do que intérprete de língua oral.*

— *Que nada! Muitos não reconhecem a importância do intérprete de língua de sinais!*

— *Foi fácil para você aprender a libras?*

— *No começo não. Foi difícil, fiz curso básico na instituição, mas queria aprender mais. Comecei a freqüentar igrejas, shoppings, eventos freqüentados por surdos. Trabalhei voluntariamente para muitos surdos, interpretando consultas médicas, depoimentos policiais, e outras coisas. Isso me ajudou a desenvolver a minha língua de sinais.*

— *Fico triste, há muita gente que faz um curso básico e pensa que já pode trabalhar como intérprete, mas não é assim! São anos árduos para aprender! – Marcos comentando.*

— *Sim! O trabalho do intérprete requer pelo menos duas habilidades: interpretar da língua oral para a língua de sinais e o contrário. Para mim, o mais difícil é “fazer*

voz”, ou seja, interpretar da libras para o português. Por causa da estrutura do português, do vocabulário rico. Tem outros intérpretes que, ao contrário, acham mais difícil interpretar do português para a libras. Mas depende de cada um.

— Já aconteceu com você alguma vez de ser convidado, para assistir a uma palestra de algum surdo e perceber que o intérprete está interpretando algo que não tem nada a ver com que o palestrante está dizendo?

— Já sim, fiquei irritadíssimo! A palestrante, conhecida no mundo de surdos, ministrou a palestra de forma incrível, mas a forma como o intérprete falava causava nos ouvintes a impressão de que a palestra dela era ruim, ou simples demais. Uma porcaria!

— Você não podia ajudar ele?

— Como? Seria falta de ética interromper a palestra, não sabia como agir nesse momento. Quando acabou a palestra, fui falar com a palestrante sobre isso. Na minha opinião, os surdos precisam saber quem é um bom intérprete e quem não é.

Marcos silencia, toma o refresco, olha para o mar e para o

celular. Joel percebe a ansiedade do amigo e resolve ajudá-lo.

— *Se você realmente gosta da Paola, lute por ela, vá lá, seja honesto com ela, abra-se com ela!*

— *Não sei, melhor respeitar. Ela precisa ter um tempo só para ela mesma! Mas mandei muitos torpedos dizendo o quanto desejo ficar com ela.*

— *Vamos andar de barco. Está um dia incrível para ficar triste!*

— *Boa idéia! Vamos sim!*

Os dois nadam até alcançar o barco.

COMO POSSO DIZER QUE TE ADORO...?

*"Para aprender a falar, um surdo precisa de horas diárias de trabalho árduo, enquanto o conhecimento dos sinais ocorre de forma espontânea, quase imediata. Os surdos pré-linguais, ou seja, que nunca ouviram ou perderam a audição muito cedo, não invejam os ouvintes e não se consideram deficientes." **Emmanuelle Laborrit***

Ansioso, Raul anda de um lado para o outro pensando se deve ir à casa de Paola. Resolveu dar uma caminhada ao redor da casa dela. Aproximando-se da casa dela, vê Neve deitada na varanda, balançando o rabo. À medida que ele se aproxima, o rabo da Neve balança mais, até que a cachorra se levanta e corre na direção dele. Ele abaixa e passa a mão nela.

Paola aparece, sempre sorridente, com vestido curto, sem mangas, e com o cabelo preso.

— Oi!

— Oi, tudo bem? Eu vi você hoje, mas estava com suas amigas, não quis atrapalhar!

— Não tem problema! Quer entrar?

Balança a cabeça afirmativamente. Entra na casa dela, sala

aconchegante, mobília branca e florida. O ambiente cheirava suave como ela. Paola pertencia àquele lugar.

— Venha! Sente-se comigo. Eu vi você andando com um moço também hoje, quem é?

— Meu ex-namorado, ele veio me visitar.

— O que ele queria?

— Queria voltar o namoro! Mas preciso de um tempo!

Ficaram calados por um tempo observando a Neve brincando, mordendo o ursinho. Resolveu mudar de assunto, daí então Raul toma coragem e fala:

— Existem muitas pessoas surdas?

— Claro que sim! Se tiver oportunidade, vá a um dos pontos de encontro de surdos e verá uma grande quantidade reunida. Esses pontos de encontro são, normalmente, em shoppings, nas igrejas, nas associações.

— Existe associação de surdos?

— O quê? – queria ter certeza o que entendia, pois duvidava da própria interpretação.

— Associação? Clube? Surdo? Existe?

— Claro que sim. No Brasil, temos aproximadamente 32

associações, onde os surdos compartilham experiências, socializam, se divertem, praticam esportes.

— Você é sócia da Associação?

— Sim, sou sim. Participo do campeonato de vôlei. No futebol não sou boa não! Tem teatro, tem concurso de miss surda.

— Vôlei? Mas como você escuta apito do juiz?

— O juiz tem bandeira, quando dá falta a algum jogador ou quer dar aviso qualquer, ele levanta uma bandeira!

— Não tinha pensando nisso! Tem muitos cursos de libras?

— Vários, as escolas de surdos oferecem curso de libras. Há cursos básicos, intermediários e avançados. Há pós-graduação para formar intérpretes de libras. Eu sou professora em uma e leciono Libras. Mas comparado aos Estados Unidos, o Brasil ainda está longe de atingir o nível deles. Só muito recentemente, no Brasil, se começou a dar importância ao ensino da libras e só muito recentemente se começou a produzir materiais didáticos para o seu ensino. Lembro, dez anos atrás, em congressos, só tinham ouvintes palestrando sobre os surdos e a surdez

de uma forma geral. Mas agora mudou bastante, cresceu muito o número de surdos ingressando mundo acadêmico.

— Que legal! Talvez você pode me dar aula particular. —
Raul fala e logo abraça Paola.

Os dois se olham e Raul resolve beijá-la. Paola estremece. Não trocaram mais nenhuma palavra... Na penumbra do quarto, iluminados apenas pelo luar.

Depois que tudo volta ao ritmo normal, Paola se deita de costa para ele, fecha os olhos e descansa.

Raul abraça-a. Quis falar, mas como? O quê? Teve uma idéia, afasta o corpo dela, passa os dedos pela costa dela, escrevendo as palavras: ADORO VOCÊ.

Paola se vira, o luar iluminando seu rosto, sorri. Começa a mover os lábios em silêncio, respondendo que também o adorava. Raul a abraça ainda mais!

COMO EU IA SABER? EU SOU SURDO!!!

“A grande diferença é que quando um surdo se encontra pela primeira vez com outro surdo, eles contam um ao outro... histórias de surdos, isto é, suas vidas. Tudo isto de um minuto para outro, como se se conhecessem desde a eternidade. O diálogo é imediato, direto, fácil. Nada a ver com o dos ouvintes. Um ouvinte não avança sobre um outro logo ao primeiro contato...” Emanuelle Laborit

Paola está cozinhando, quando, de repente, aparece sua ex-aluna, Priscilla. A tia dela é a vizinha de Paola.

— *Oi, que saudade! Você chegou hoje?*

— *Cheguei anteontem, fui nadar com meus primos. E hoje queria te visitar!*

— *Vem para varanda tomar fresco e sentar para nós conversarmos.*

Caminharam até a varanda e se sentaram:

— *Quando foi última vez que nos vimos? – perguntou Paola.*

— *Foi no ano passado na minha festa de formatura.*

—É verdade. Você está na faculdade de moda? Está gostando?

—Adorando! Tenho um intérprete muito bom! É estranho, pois me acostumei com a escola de surdos, agora a é escola de ouvintes. Mas vou me acostumar! – Priscilla sorrindo

—Trouxe as fotos do teatro que apresentamos para o festival no dia dos surdos!

— Que saudades! As fotos ficaram muito boas! Foi um evento muito importante, o encontro de todas as escolas de surdos. Houve um festival de esportes, teatro, palestra.

—Nossa, dia 27 de setembro já está quase aí: dia do surdo! – suspira Paola

—Me falaram que teve um problema envolvendo uma das coordenadoras das escolas no evento? Você sabe exatamente o que aconteceu? – pergunta Priscilla.

—Lá no evento, no fim da peça, os surdos começaram balançar as mãos e gritar. Pouco tempo depois, a coordenadora me chamou no canto e pediu que eu repreendesse os alunos por eles terem vaiado o grupo de teatro. Demorei um pouco para entender o que ela queria

dizer, mas depois acabei percebendo o que se passava. Para os ouvintes, aquele tipo de manifestação soava como vaia e não como aplauso. Na verdade os surdos acharam a apresentação excelente e, quanto mais gritavam, mais sentiam a vibração dos aplausos. Eu fiquei aliviada pelo fato daquela coordenadora não saber Libras, pois ela poderia ter se manifestado diretamente aos alunos surdos que ficariam perplexos por serem repreendidos, embora, na verdade, não estivessem fazendo nada de errado. Estavam apenas homenageando os atores.

—Sério? Meu Deus, sorte que você estava lá, já pensou se ela nos desse bronca à toa?

—Lembra do Matheus, chamando a professora de ‘vagabunda’? Ele pensou que o termo vagabunda significa folgada e não outra coisa. Tivemos um trabalho para explicar o significado dessa palavra. E a palavra ‘Foda’? Para os alunos surdos não é um palavrão. Expliquei para eles que para os ouvintes isso é palavrão.

—Paola, o que te irrita durante a sua aula? A bagunça?

—Não, me irrita quando os ouvintes ou surdos passam pelos corredores da escola, dão uma olhada na aula, apenas para dizer “oi” ou ver o que está ocorrendo.

Desvia o foco da atenção de todos os alunos. Isso atrapalha, me irrita, tenho que trabalhar novamente para conseguir atenção visual dos alunos.

— *Seria bom ter porta fechada sem janelinha.*

— *Na hora do intervalo, gosto de conversar com todos em língua de sinais, mas é difícil! Os alunos poderiam aproveitar a oportunidade de utilizar a libras com os surdos adultos, o que não apenas ajudaria a desenvolver melhor a sua proficiência, mas também evitaria a exclusão dos surdos dos processos de comunicação na escola. Mas preferem falar na língua oral!*

— *Há professores que ainda falam e sinalizam simultaneamente, corrompendo a estrutura de ambas e tornando a mensagem pouco compreensível para os alunos. – reclama Priscila.*

— *É verdade! Há alguns professores fluentes em Libras, há outros que não são fluentes. É preciso investir em um curso para aprimorar a proficiência dos professores.*

— *Lembro quando eu era pequena, passavam os desenhos animados ou filmes para as crianças, muitos professores sentavam-se no fundo da sala, e não interpretavam os*

desenhos.

— *Isso incomodava você, Priscilla? Não sabia disso!*

— *Também me incomodava quando os professores ouvintes conversavam dentro da sala, em reuniões, ou mesmo nos intervalos, em situações em que havia surdos presentes. Tinha a sensação de que estava sendo feito algum tipo de fofoca sobre mim ou de todos os surdos ali, alheios a tudo.*

— *Os ouvintes não fazem por mal!*

— *Eu sei, mas acho falta de respeito! Me sinto mal. Já pensou se eu e minha amiga ficássemos sinalizando em frente do ouvinte? O que ele sentiria? Aposto que ele se incomodaria!*

— *É verdade!*

— *Também me incomoda quando eu converso com o professor amigo ouvinte. Alguém o chama, ele se virava para atender, interrompendo a conversa comigo. Parece que sou insignificante, atendendo o outro primeiro. Isso me irrita profundamente!*

Priscilla toma um gole do refrigerante, pensativa:

— *Uma vez, veio uma visita que tinha cicatriz de queimadura no pescoço, eu queria perguntar o que tinha acontecido com o pescoço, mas a professora ficou irritada e brigou comigo. Eu não tinha entendido!*

— *Passou um tempo, na sua aula, quando veio outra visita, um homem que tinha um jeito de homossexual, eu queria perguntar se era gay. E você me pediu para não perguntar. Você lembra?*

— *Lembro sim!*

— *Então, você me explicou que não é correto fazer comentários muito diretos aos ouvintes. Discutimos na classe sobre esse assunto. Foi importante para mim! Pois na ocasião da visita daquele homem com uma queimadura no pescoço, a professora brigou comigo, em como eu não tinha entendido, fiquei confusa e magoada. Ela precisava ter paciência e me explicar que não é correto fazer isso, pois não é costume dos ouvintes.*

— *Agora você já sabe!*

— *Uma coisa ficou muito marcante na minha vida, vou me abrir com você, meu irmão detestava os barulhos que eu fazia quando comia. Uma vez ele estava comendo e*

largou a comida e foi embora. Eu fui comer e minha mãe falou que eu estava fazendo muito barulho e por isso ele saiu sem acabar de comer. Mas foi sem querer mesmo, depois com tempo, passamos a comer em horários diferentes. Quando eu ia comer, ele ia para o quarto, isso me deixou magoada. Ele achava que era de propósito, então quando ele estava no quarto e usava o computador, e eu queria que ele saísse do quarto, eu ia comer perto dele para que ele saísse. Me sentia muito mal, excluída pelo meu próprio irmão.

— *Nossa! Continua até hoje?*

— *Como ele trabalha fora e eu também, dificilmente nos vemos, graças a Deus!*

— *Espero que seu irmão tenha maturidade para superar e aceitar você! Ele devia ter sido claro contigo a respeito do barulho e te ensinar como comer!*

— *Nunca vou esquecer o que aconteceu na Festa Junina no ano passado com o Bruno. Nos éramos a equipe responsável pela barraca de cachorro-quente, lembra?*

— *Com o Bruno? – Paola sorrindo – Me falaram, mas não sei o que aconteceu. Me conta!*

— *Foi uma confusão danada. Eu pedi para ele comprar milho verde no mercado, para colocar no cachorro quente. Ele foi e voltou dizendo que não tinha milho verde. Fiquei nervosa, pois queria fazer creme de milho. Fui com ele ao mercado e, de longe, vi a lata de milho verde. Perguntei para ele se estava vendo a lata do milho verde. Ele olhou para a prateleira e falou que só tinha milho amarelo.*

— *Ah! Porque na lata aparece a figura de milho amarelo. Isso confundiu ele!*

— *Sim, os surdos reparam mais na figura do que na escrita! Tentei explicar para ele sobre o milho. Mas ele não entendia por que estava escrito milho verde em vez de amarelo para combinar com a figura.*

Aparecem uns jovens ouvintes na frente da varanda, chamando a Priscilla para a praia para fazer fogueira. Ela se levanta e beija Paola, e sai junto com os jovens.

Paola observa-os andando juntos, feliz por essa turma aceitar Priscilla e por ela não se intimar por ser a única surda. Raramente ela fala, usa muito libras. Mas não vejo obstáculo nessa parte, a turma a aceita e, para superar as barreiras de comunicação, vem tentando aprender libras.

HORA DE DIZER “ADEUS”...

“Como se sabe, a língua além de ser o principal veículo de comunicação, é também o mais importante meio de identificação do indivíduo com sua cultura e o suporte do conhecimento da realidade que nos circunda. O problema das minorias lingüísticas é, pois, muitas vezes, não apenas a privação da língua materna, mas sobretudo a privação de sua identidade cultural.”
Lucinda Brito

Raul acorda cedo. Que dia triste! era o dia de voltar para São Paulo. Arruma tudo e leva para o carro. Precisa passar na imobiliária para deixar as chaves, mas antes, como o seu pensamento está em Paola, resolve passar na frente da casa dela. Tudo está fechado! Passa pela praia. Não a vê, sua angústia aumenta. Vai até a lagoa com a última esperança de vê-la, mas também não estava lá.

Não se conforma em ir embora sem se despedir dela. O coração se aperta em seu peito e a dor vai aumentando a cada segundo.

Dirige o seu carro devagarzinho, ainda esperançoso de encontrá-la a qualquer momento. Mas fica desapontado por não vê-la. Chega à imobiliária, entrega a chave e na saída, antes de entrar no carro, dá mais uma olhada. Nada.

Segue a estrada sinuosa com uma enorme angústia, que lhe apertava o coração. A distância é vencida rapidamente. As lembranças de dias maravilhosos, o prazer de conhecer uma mulher linda e inteligente. Compartilhar um novo mundo, o mundo dos surdos. A única esperança era o bilhete com número do celular e com o e-mail que tinha dado a ela.

Paola sente a brisa do mar soprando no seu rosto e nos seus cabelos. Andando na areia descalça, deixa a água do mar molhar os seus pés. Depois de algum tempo caminhando, senta na areia.

Olha para o mar azul, ondas esbravejantes. *Como seria se fosse ouvinte? Se fosse ouvinte, teria a amizade de Thamires e Claudia? Não, seguramente!*

Sentada na areia da praia, o pensamento de Paola pensa:

Recebi todo amor dos meus pais. Eles nunca me olharam com indiferença. Eu fui e sempre serei a filha deles. Sei

que eles têm grande orgulho de mim, pela pessoa que me tornei!

Que saudade dos meus pais! Não vejo a hora de abraçá-los! Contar as novidades, conversar mesmo, sem sentir que estou sendo deixada de lado na conversa. Não posso me silenciar. Não posso! Embora o silêncio me acompanhe, tenho que reagir, mostrando que eu existo!

Meus pais não estavam preparados para terem uma filha surda, mas procuraram me tratar como “Pessoa”, me tratando igual aos outros desde sempre.

‘Inclusão’? Repete-se muito esse termo, mas ele nunca esteve na minha alma. Para mim, ele tem valor semelhante ao seu oposto, ‘exclusão’. Recordo-me das aulas de matemáticas em que o professor apresentava dois conjuntos diferentes: A e B. Depois, ele relacionava alguns elementos desses conjuntos, e concluía com gravidade: Diz-se que A está incluso em B. Anos depois, já graduada, comecei a participar de congressos e palestras sobre surdez e deficiências em geral. Ao ver a palavra “inclusão” não conseguia pensar em outra imagem senão a de minhas aulas de matemática e no quadro negro dois

conjuntos sendo relacionados. Será que ouvintes e surdos precisam mesmo ser dois grupos distintos?

Se tivesse que escolher uma palavra melhor, diria que minha luta é por uma ‘integração’ social. Acredito que uma sociedade só é íntegra quando não lhe falta nada. Uma sociedade que não considera parte de si todos seus integrantes nunca será completa. Não vejo surdos e ouvintes como dois grupos distintos. Somos um! Como disse Emanuelle: “Preciso dos outros, de intercâmbios. Preciso de uma comunidade. Não poderia viver sem os que ouvem, nem viver sem os surdos. Comunicar é uma paixão”.

As ondas e a brisa fazem o pensamento de Paola voar.

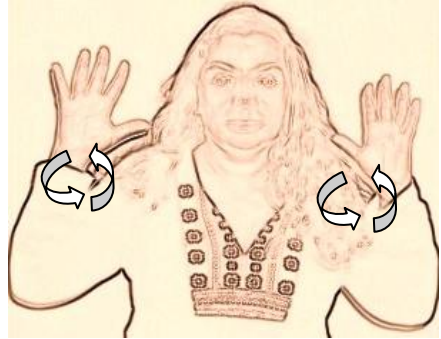
Já é hora de se despedir do mar e voltar para São Paulo, retornar ao trabalho. Raul! Ele já tinha partido há dez dias. Ela enfia a mão no bolso do short. Há um papel. É o telefone e o e-mail do Raul. E um pedido: **me ligue assim que chegar a São Paulo**. Olha para o mar, seus olhos acompanham o bailar das ondas, a brisa acaricia seu rosto.

Olha para o papel. Por um instante, passa na sua mente a imagem de Raul, os momentos que passaram juntos. Lembra-se de Marcos. Sente vontade de atirar o papel ao mar. Hesita. Como Raul tinha sido carinhoso e compreensivo... mas, se envolver com um ouvinte? A imagem de Marcos vem à sua mente. Renunciaria ao amor de Marcos por uma paixão veraneia?

Suspira e levanta-se. Vai até o mar e molha as mãos. É hora de partir. Na areia repleta das conchinhas, vão ficando as pegadas dos passos indecisos que caminham para longe. A brisa toca o seu corpo moreno e Paola ergue as mãos para sentir a direção do vento.



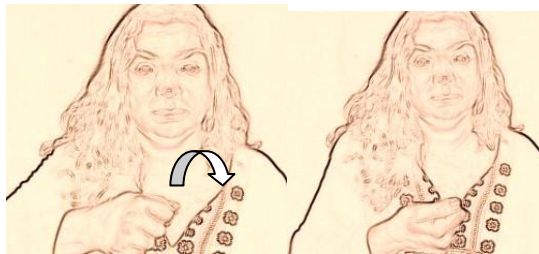
LIBRAS -



PALMAS



BONITO



SINAL



BANHEIRO



AGUA



DESCULPA



PRAIA



GOSTAR

PERSONAGENS:



RAUL



PAOLA



JOEL



MARCOS



BETO



ROSE



NEVE



CLAUDIA



THAMIRES

Sugestões de leitura para aprofundamento em questões relacionadas à surdez:

LINGUAGEM SURDEZ E EDUCAÇÃO

Autor: Maria Cecília Rafael de Góes

Ano de publicação: 2002

Páginas: 96

Editora: AUTORES ASSOCIADOS

A SURDEZ

Autor: Carlos Skliar

Ano de publicação: 1998

Páginas: 192

Editora: Mediação

ENCICLOPÉDIA

DA LÍNGUA DE SINAIS BRASILEIRA

Autor: Fernando César Capovilla

Ano de publicação: 2005

Editora: EDUSD

Volumes: 1 a 4

**DICIONÁRIO ENCICLOPÉDICO ILUSTRADO TRILÍNGUE
DA LÍNGUA DE SINAIS BRASILEIRA**

Autor: Fernando César Capovilla

Ano de publicação: 2001

Editora: Imprensa Oficial São Paulo

COMO BRINCAM AS CRIANÇAS SURDAS

Autor: Daniele Nunes Henrique Silva

Ano de publicação: 2002

Editora: Plexus

EDUCAÇÃO DE SURDOS

Autor: Regina Maria de Souza

Ano de publicação: 2007 Páginas: 207

Editora: Summus

A CRIANÇA SURDA

Autor: Márcia Goldfeld

Ano de publicação: 1997

Páginas: 172

Editora: Plexus

ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA PARA SURDOS

Volumes 1 e 2

Autor: Heloísa Maria Moreira Lima Salles

Ano de publicação: 2004 Páginas: 96

Editora: Programa nacional de apoio à educação dos surdos – BBE

O SURDO: CAMINHOS PARA UMA NOVA IDENTIDADE

Autora: MARIA CECILIA DE MOURA

Ano de publicação: 2000

ATIVIDADES ILUSTRADAS EM SINAIS DE LIBRAS

Autor: Elizabeth Crepaldi de Almeida

Ano de publicação: 2004

Editora: REVINTER

ALBRES, Neiva de Aquino e NEVES, Sylvia Lia Grespan. De sinal em sinal: comunicação em LIBRAS para aperfeiçoamento do ensino dos componentes curriculares. São Paulo, SP: Editora Duas Mãos – Apoio FENEIS/SP, 2008.

Sugestões de sites sobre a libras:

WWW.feneis.org.br

WWW.assp.com.br

www.cbsurdos.org.br/

<http://www.institutosantateresinha.org.br/>

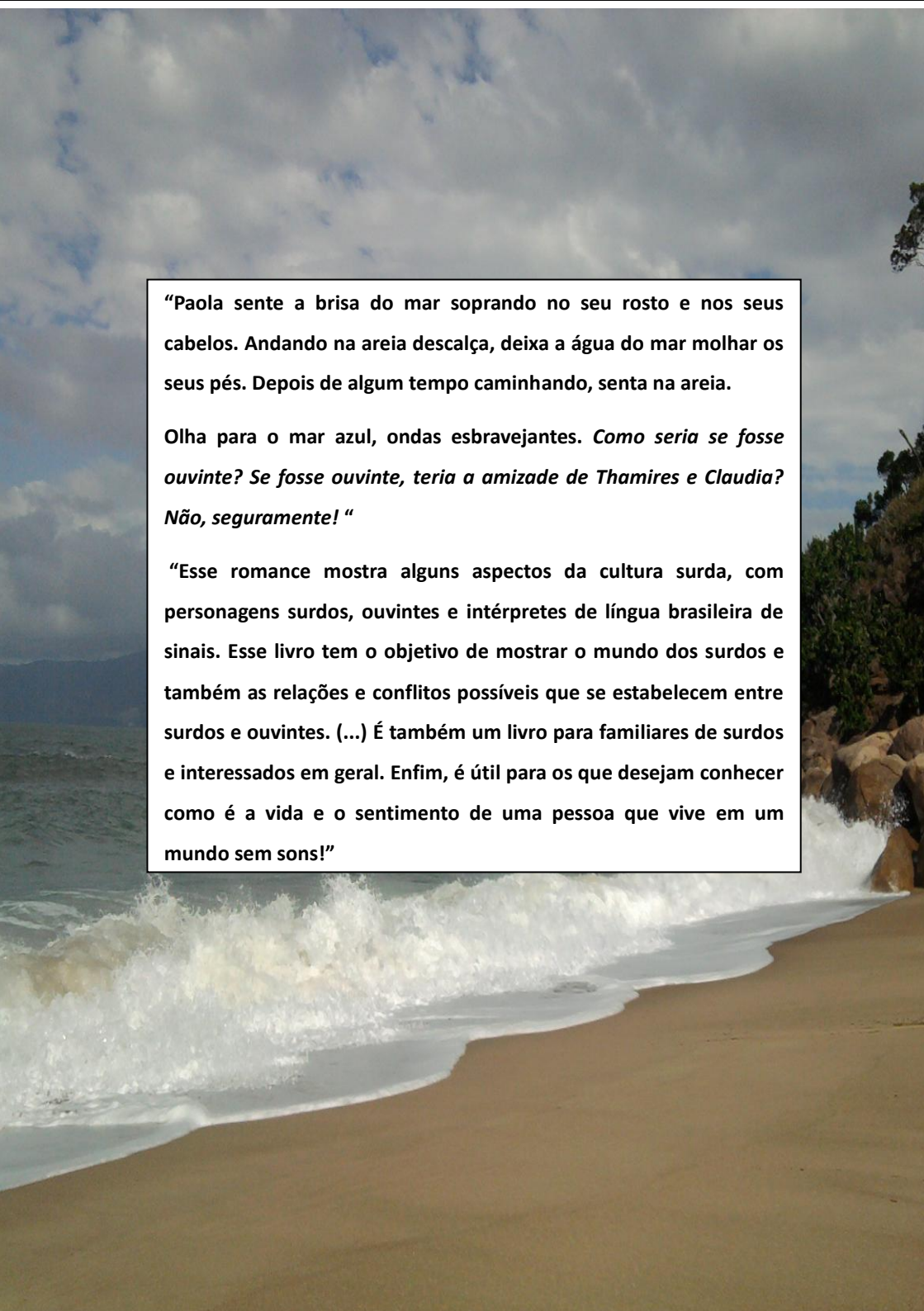
<http://www4.pucsp.br/derdic/>

[WWW.ines.org.br.](http://WWW.ines.org.br)

WWW.dicionariolibras.com.br

WWW.sylvialia.s2w.com.br

<http://www.editora-arara-azul.com.br/Catalogo.php>



“Paola sente a brisa do mar soprando no seu rosto e nos seus cabelos. Andando na areia descalça, deixa a água do mar molhar os seus pés. Depois de algum tempo caminhando, senta na areia.

Olha para o mar azul, ondas esbravejantes. *Como seria se fosse ouvinte? Se fosse ouvinte, teria a amizade de Thamires e Claudia? Não, seguramente!* “

“Esse romance mostra alguns aspectos da cultura surda, com personagens surdos, ouvintes e intérpretes de língua brasileira de sinais. Esse livro tem o objetivo de mostrar o mundo dos surdos e também as relações e conflitos possíveis que se estabelecem entre surdos e ouvintes. (...) É também um livro para familiares de surdos e interessados em geral. Enfim, é útil para os que desejam conhecer como é a vida e o sentimento de uma pessoa que vive em um mundo sem sons!”